



EXTERNATO DA MADALENA RETRATOS DE UMA COMUNIDADE EDUCATIVA



EXTERNATO
DA MADALENA
RETRATOS DE UMA
COMUNIDADE EDUCATIVA



EXTERNATO DA MADALENA RETRATOS DE UMA COMUNIDADE EDUCATIVA



FICHA TÉCNICA

Título: Externato da Madalena: retratos de uma comunidade educativa

Coordenação de edição: Sandro Jorge - Centro de Estudos Globais da Universidade Aberta

Comissão científica: Pedro Abrantes e Joaquim Pintassilgo - Centro de Estudos Globais da Universidade Aberta

Edição: Centro de Estudos Globais da Universidade Aberta
2025

Entidade financeira: Câmara Municipal da Madalena

Capa, Paginação e Execução Gráfica: Nova Gráfica. Lda. – Ponta Delgada

Depósito legal: 544965/25

ISBN: 978-972-674-982-0 (formato impresso)

ISBN: 978-972-674-981-3 (formato digital)

DOI: <https://doi.org/10.34627/vk5x-5j97>



Índice

| | |
|---|----|
| Prefácio | 9 |
| Nota introdutória | 15 |
| Agradecimentos | 17 |
| | |
| Capítulo 1. A educação açoriana e picoense na primeira metade do século XX | 19 |
| | |
| Capítulo 2. Biografia Dona Cecília Amaral | 29 |
| 2.1. Infância e educação | 29 |
| 2.2. Jornada académica e amorosa | 33 |
| 2.3. Vida familiar | 35 |
| 2.4. Compromisso com o ensino e expansão do Externato da Madalena | 36 |
| 2.5. Formação e outras atividades culturais, políticas e sociais | 40 |
| 2.6. Reconhecimento e legado | 44 |
| 2.7. Em síntese | 45 |
| | |
| Capítulo 3. Evolução do edificado e valências do Externato de Ensino Liceal Particular da Madalena | 47 |
| | |
| Capítulo 4. Comunidade educativa em números (1968-1996) | 53 |
| | |
| Capítulo 5. Impactos na comunidade educativa | 61 |
| 5.1. Antigos professores entrevistados | 61 |
| 5.2. Professores | 87 |
| 5.2.1. Reporte de professores | 90 |
| 5.3. Antigas colaboradoras entrevistadas | 94 |

| | |
|---|-----|
| 5.4. Colaboradores | 102 |
| 5.4.1. Reporte de colaboradores | 103 |
| 5.5. Antigos alunos entrevistados | 104 |
| 5.6. Depoimento da ex-Chefe de Divisão da Direção Regional da Educação (DRE) | 116 |

Prefácio

O esforço titânico feito por alguns para melhorar as condições dos filhos da ilha do Pico está relevado neste pequeno esboço histórico numa área primordial – a Educação.

A todos os que lutaram um infinito obrigado.

Na década de sessenta do século passado, que eu bem conheci e vivi, estudar, a partir da quarta classe, era um privilégio de poucos. O Seminário era um escape pelos preços moderados, pelas ajudas generosas e pelo prémio aos alunos distintos que só pagavam metade da mensalidade. Dou o exemplo da minha freguesia natal no meu tempo de estudante: três no Seminário de Angra, duas no Colégio de Santo António e um no Liceu da Horta.

Do Pico para o Faial, todas as semanas, seguiam cabazes bem recheados com linguiça, inhames, peixe escalado, bolo e fruta que essa figura ímpar da história do Pico, Gilberto Mariano, com a sua carroça pejada, deixava em segurança na casa dos estudantes. Ele, que sem saber ler e escrever, nunca falhou uma encomenda, algumas com verbas avultadas.

Colocaram o seu nome num “ferry” do Canal. É pouco. Ele salvou tantas vidas e transportou, diariamente, os célebres cabazes que deram cursos. Faço um parêntesis para dizer que Mestre Simão, outro herói do Canal, só fazia viagens de alto risco se o Gilberto estivesse no *cabo da popa*. E ele estava sempre, rosto tisonado cheio de água e sal.

Quando cheguei à Candelária do Pico para paroquiar e acompanhar, no verão, o senhor Cardeal Costa Nunes, sempre percebi que o problema não era simplesmente religioso. O problema era também civilizacional, era de cidadania. Daí ter envidado todos os esforços para promover a Cultura e o Desporto que permitiam, além da valorização pessoal, conhecer outras gentes, outros mundos. Isso era absolutamente fundamental.

Estava há pouco tempo na Candelária, mas já era bem conhecido por uma certa rebeldia e pela inovação, quando um pai de cinco filhos, da Madalena, entrou no Passal e, de chofre, atirou: “Tenho cinco filhos, gostava que todos continuassem os estudos mas não tenho posses. Vamos criar um grupo para o ensino particular na Madalena e o senhor vai ser o professor de Português”. Levei as mãos à cabeça e ripostei: “Senhor Emílio, tenho um Curso de Teologia, não tenho Pedagógicas, etc. etc.”

Nunca mais esqueci a afirmação proferida por ele: “Quem fala assim não é gago”.

Corria o ano de mil novecentos e sessenta e sete. O grupo começou a funcionar em Outubro. Recordo os nomes com muita saudade e gratidão: Português – Padre Serpa; Matemática – Emílio Ferreira, falecido; Francês – Cecília Amaral; História – Luís Pereira da Rosa, falecido; Geografia – Zulmira Reis, falecida; Ciências da Natureza – Maria Luísa Terra, falecida; Desenho – Rúben Cordeiro, falecido.

Foi uma loucura total na Ilha visto que, nos outros Concelhos, se tomaram iniciativas idênticas.

O problema maior consistia em arranjar sítio para ministrar o Ensino com alguma dignidade.

Na Madalena o problema era mais bicudo já que a Câmara Municipal não tinha dependências nem havia Conventos retirados às Ordens Religiosas.

Mas tudo se resolveu. As aulas foram assim distribuídas: Salão Nobre da Câmara Municipal da Madalena, Escola Primária da Madalena (pós horário), Sala da Catequese da Paróquia da Madalena, Sacristia da Igreja da Madalena e *Casa do Barco*.

Deixei para o fim, propositadamente, a referência a esta sala improvisada. Tinha alguma dimensão e, traçados a giz, rectângulos com as medidas de uma pessoa normal. É uma história comovente. As pessoas vinham de longe (trinta, quarenta, cinquenta quilómetros) e, não havendo lancha, o que na altura era normal, pernoitavam na referida *Casa do Barco* com a roupa no corpo e iam, de manhã, à padaria comprar um pão para o dia, por vezes para os dias. Chamavam-lhes “*Os tomados do tempo*”.

A adesão e a afluência à iniciativa foram enormes. As mães acompanhavam com fervor os estudos dos filhos, perguntavam, iam telefonar ao Correio, etc. etc.

Veio ao de cima o problema do transporte. Eu tinha um “*Anglia*” (carro) que levava doze alunos da Candelária e de São Mateus. Era fácil a acomodação: oito atrás (4+4), quatro à frente (2+2). Comigo eram treze, número aziago que, no entanto, deu sempre sorte.

Recordo a primeira ida à Horta para os exames. Os professores mais nervosos que os alunos. A Igreja repleta de batas brancas, todos se confessaram e comungaram.

À volta do Ginásio do velho Liceu, os professores roíam as unhas e espreitavam por alguma porta entreaberta.

O regresso era nimhado de festejos saboreados com um chocolate acompanhado de uma laranja.

No Pico começava o tormento. As notas, quando vinham as notas? Na escadaria do Correio era um frenesim. A debandada à tarde com “uma mão cheia de nada e outra de coisa nenhuma”. Quando chegou o dia o alvoroço foi total: beijos, abraços e lágrimas, muitas lágrimas. Excelentes notas, toda a gente exultava. Não me esqueço da cena por causa do Manuel Matos, hoje um bancário aposentado, exímio tocador de trompete, um cidadão prestável que muito ajuda a nossa cultura popular. O senhor Emílio Ferreira, muito rigoroso, tinha-lhe dado negativa a Matemática. Quando anunciei as notas à porta do Correio, o nosso querido senhor Emílio ia-se passando. O Matos tinha obtido 14,7 na prova de exame. “Há engano, há engano de certeza. Não pode ser! Telefone outra vez”. Lá vou eu outra vez telefonar. Era uma operação difícil e demorada e a resposta confirmava a nota. “Ó Padre Serpa, não é aquele rapaz das Sete Cidades que toca música”? É. Eu confirmei. Desabafou o senhor Emílio: “O mundo anda às avessas”.

Atenta a esta onda de entusiasmo, a professora Cecília Amaral, esposa do Presidente da Câmara e mãe de dois filhos, lançou mãos à obra com objetivo da construção de um edifício para o Ensino Particular. Estava criado o Externato Particular da Madalena que começou a funcionar em 3 de Janeiro de 1972.

Os cinco anos anteriores foram de heroísmo, abnegação e de um amor entranhado ao Pico e aos seus filhos.

O novo edifício tinha pátio, ginásio, secretaria e várias salas de aula.

Mesmo antes do 25 de Abril, foi tomada uma decisão inteiramente justa e que agradou a todos. Os professores do Liceu da Horta passaram

a vir ao Pico presidir aos exames em vez de os alunos se deslocarem. Na altura, exames do 2º e 5º anos.

O 25 de Abril apoiou a iniciativa e o Externato Particular da Madalena, com o beneplácito e o desempenho do Governo Regional dos Açores, foi contemplado com Paralelismo Pedagógico, tendo singrado até 1996 e preparado alunos até à entrada na Universidade.

Felizmente, hoje, as três Escolas do Pico funcionam em modos idênticos. Tudo se alterou.

Com a construção dos molhes de protecção do Porto da Madalena, acabaram os dias sem lancha, a “lancha prá Prainha” e já não há “*tomados do tempo*”.

Há professores que dão aulas na Horta e vão e vêem todos os dias. E vice-versa.

É neste contexto que se insere esta obra sobre o Externato da Madalena que enaltece o desassossego e perseverança da sua fundadora, Cecília Amaral, em construir pilares físicos, revestidos de pilares humanos que a auxiliaram no singrar desta escola como farol de conhecimento para inúmeros garotos e garotas pudessem acalentar sonhos, sem precisar passar a “meia broa”.

Esta obra tendo como principal objectivo resgatar e preservar a memória deste projeto educativo pioneiro, não só abastecendo conhecimento académico, mas também incutindo valores como a resiliência, a disciplina e o espírito de sã convivência em comunidade.

Nas suas décadas de existência, o Externato da Madalena, não só formou apenas alunos, formou homens e mulheres comprometidos com a sua sebenta, conscientes que a educação era o seu principal motor de mudança.

Ao revisitar a sua história, reconhecemos o papel crucial desempenhado pelos professores, funcionários, alunos e famílias que deram lustro a esta instituição. Cada sala de aula, cada muro de convívio, cada momento vivido no campo ao arpejo de cada chuto mais arrojado para o ‘campo do Salsa’, carrega consigo histórias e cargas de superação e dedicação. O seu legado permanece vivo, não apenas na memória dos que por lá passaram, mas também na forma como a educação continua a ser uma âncora de melhores advires para o nosso Concelho, para a nossa ilha Montanha e para a nossa Região.

Oxalá esta obra sirva como testemunho do impacto duradouro do **Externato da Madalena**, honrando todos aqueles que nele investiram o seu tempo e conhecimento e, inspirando futuras gerações a valorizar e a fortalecer o ensino como um bem inestimável para a nossa sociedade.

Fevereiro de 2025

Manuel Goulart Serpa

Nota introdutória

A presente publicação pretende consagrar uma das mais proeminentes instituições do Concelho da Madalena do Pico, no último quartel do século XX, no caso concreto e objeto de estudo - Externato da Madalena – reunindo para o efeito, compêndios biográficos da sua fundadora professora Cecília Amaral, narrativas de antigos professores, alunos, colaboradores e dirigentes, onde neste estabelecimento de ensino gravitaram tenazes e multifacetados percursos de vida.

Sendo este o primeiro estabelecimento de ensino que albergou os 2º e 3º ciclos, durante mais de duas décadas, justifica-se, pois, constituir este acervo de historiografia educativa, documental e de memórias nostálgicas para as demais gerações de madalenenses, onde outrora foi determinante na germinação de trajetos de desenvolvimento pessoal, independência e autodeterminação, por todos quantos adquiriram educação e/ou instrução básica, impactando sobremaneira na mais significativa transformação educativa, social e cultural operada nesta micro comunidade açoriana rural e ultraperiférica.

Este projeto investigativo teve como objetivo principal reportar resultados de uma pesquisa de natureza mista (com recurso sequencial de análise documental e entrevistas em profundidade), sobre a missão e legado socioeducativo deste estabelecimento de ensino, bem como recentrar o fomento inicial da educação do ensino básico e secundário local, segundo a linha temporal histórica em presença.

Primeiramente, contextualiza-se genericamente paradigmas da educação açoriana e picoense nos primórdios do século XX e, seguidamente, apresenta-se recortes biográficos da professora Cecília Amaral, trazendo ao conhecimento o seu contexto pessoal, familiar e académico, enfatizando-se o seu compromisso de “alma e coração” no enraizamento e

expansão do Externato da Madalena. Posteriormente, expõe-se a evolução histórica e singular desta estrutura e organização escolar do Externato de Ensino Liceal Particular da Madalena, acompanhada de reportes estatísticos dos alunos (por anos/letivos/ciclos de estudo).

Nos capítulos finais evidenciam-se os impactos mais significativos descritos pela comunidade educativa transitada por testemunhos na primeira pessoa, quer de antigos professores, alunos, colaboradores e dirigentes, que no Externato da Madalena, pulsaram o seu dia a dia, edificando (in)conscientemente a iniciação e consolidação de incomensuráveis capitais humanos.

Recorde-se que a singularidade do Externato da Madalena, representou no passado a primeira escola de cariz público-privado, no Concelho da Madalena, que mitigou avultadas taxas de analfabetismo e abandono escolar precoce registadas à época, que logrou dar igualdade de oportunidades de acesso à educação e à cultura, evitou movimentos de êxodos estudantis precoces a cerca de nove mil alunos, proliferando, ao mesmo tempo, subsequentes prosperidades e mobilidades sociais, incluindo mais de uma centena de professores e colaboradores.

Com efeito, não se pode deixar de se dissociar a cultura organizacional de motivação e colaboração centrada no aluno dinamizadas nesta escola, imprimida e contagiada pela personalidade carismática e inspiradora da professora Cecília Amaral, que conduziu o funcionamento deste estabelecimento nas suas múltiplas dimensões conforme as outrora atribuídas ao sistema escolar público, como seja, ao nível administrativo, pedagógico, económico e jurídico-social, coexistentes com supervisão, normatização e de financiamento público.

Agradecimentos

A publicação que agora se apresenta só foi possível com a colaboração inestimável de diversos intervenientes e entidades, a quem aqui se presta os devidos agradecimentos.

Desde logo, a todos os colegas do grupo de trabalho constituído por Fernanda Medeiros, com apoio colaborativo de Ildeberta Soeiro (Biblioteca Pública da Madalena); Francisco Medeiros (Escola Cardeal Costa Nunes); e Maria das Dores Silva (Escola Profissional do Pico e Escola Secundária das Lajes do Pico), que de forma preciosa e briosa prestaram trabalho colaborativo continuado nas suas demais tarefas atribuídas.

Ao Centro de Estudos Globais (CEG) da Universidade Aberta (UAb), na pessoa do Professor Doutor Pedro Abrantes (Coordenador G2 - Educação Global: Conetividade, Complexidade e Diversidade), pelo seu trabalho aturado de revisões, sugestões, reflexões, envolto em mensagens de estímulo norteadas pelo rigor científico, assim como ao Professor Doutor Joaquim Pintasilgo (CEG – UAb), que com mestria e saber consolidado em historiografia em educação emitiu revisões e pareceres que contribuíram para uma melhor compreensão do fenómeno em estudo.

Às entidades escolares que partilharam dados estatísticos e socioeducativos, designadamente: Escola Básica e Secundária Cardeal Costa Nunes (Madalena), Escola Básica e Secundária de São Roque, Escola Básica e Secundária das Lajes do Pico, Escola Secundária Manuel de Arriaga (Horta) e Direção Regional da Educação.

Aos familiares da professora Cecília Amaral pela partilha imprescindível de testemunhos, documentos e fotografias e, especialmente, a todos os antigos professores, alunos e colaboradores entrevistados que prestaram o seu melhor depoimento, tendo privado o seu sentido retrospectivo empático das suas demais experiências e vivências.

Por fim, à Camara Municipal da Madalena, por todo o generoso apoio logístico e financeiro alocado à publicação desta obra.

Centro Local de Aprendizagem da Madalena
da Universidade Aberta
Centro de Estudos Globais da Universidade Aberta
Sandro Jorge

Capítulo 1. A educação açoriana e picoense na primeira metade do século XX

A natureza temática do presente trabalho impele-nos a rebuscar genericamente a raiz da história da educação açoriana, a partir do século XIX, onde os primeiros anos foram propícios a convulsões políticas e sociais, fazendo retardar assim, decisões estratégicas sobre o ordenamento de políticas educativas regionais.

Nessa época, os açorianos confrontavam-se com prevaletentes índices de analfabetismo, sobretudo, devido à pobreza intergeracional, resultando conseqüentemente em massivos abandonos escolares, cuja maior incidência ocorria em época de colheitas agrícolas, onde crianças e jovens contribuían com a sua mão de obra para a subsistência familiar sendo, por isso, a via da iniciativa particular, em alguns casos, a resposta mais expedita a tão almejados desígnios de prosperidades em alfabetização e/ou escolarização.

A propósito da origem dos estabelecimentos escolares, António Nóvoa no prefácio da obra de Carlos Lobão "Liceu da Horta - Memória Institucional" (2004), refere que os liceus portugueses são criados em 1836 e que se vão instalando, lentamente, por meados do século XIX. São lugares, muitas vezes, sem espaço próprio, frequentados irregularmente por alunos que se inscrevem numa ou noutra disciplina, com professores que se dedicam às mais diversas ocupações. O "liceu moderno" nasce apenas na transição do século XIX para o século XX, fixando-se, então, um modelo escolar que se tornará dominante nas décadas seguintes.

O ano de 1836 representa uma data fundamental na história do ensino secundário, em Portugal, uma vez que, por Decreto datado de 17 de Novembro do mesmo ano, fora estabelecida a reforma da Instrução Secundária de Passos Manuel, onde são criados os liceus, um em cada

capital de distrito das ilhas adjacentes e do Continente, sendo que a sua instalação e a sua organização se processam de forma faseada na linha temporal dos anos.

No mesmo sentido, Nóvoa (2004) reforça que embora cada instituição tenha uma história própria feita de singularidades e especificidades, quando se comparam as histórias de todos os liceus, nomeadamente no que diz respeito aos seus desafios e dificuldades, constata-se a existência de grandes semelhanças e afinidades.

A instrução secundária no distrito da Horta, na segunda metade do século XIX, compreende o liceu, onde são incorporadas cadeiras de instrução secundária (Gramática Latina, Tradução, Latim, Português e Francês).

O liceu da Horta, que em 1926 registava apenas 56 alunos e 8 professores, enquanto designado 'liceu nacional', teve um enorme impacto numa ilha que antes da erupção dos Capelinhos, registava cerca de 25.000 habitantes. Além de promover princípios-chave de socialização, aprendizagem, preparação para a vida social, preparação para estudos superiores aos mais jovens, o liceu era uma entidade aglutinadora de coabitações pedagógicas, no qual é reconhecido que "À volta do liceu define-se grande parte da vida social e cultural da Horta", onde eram geradas redes de sociabilidade e convívio juvenil, fomentadas por atividades socioculturais, germinação de jornais (Lyceu da Horta, 1875; Estudantina, 1894; Lyceu, 1908; O Estudante, 1925; Mocidade Académica, 1931; Arauto, 1957; e o Tio Patinhas, 1968), assistido por vivências académicas ao arrepio do clima social instalado naquele período histórico.

Nos primeiros anos do século XX poucos eram os alunos do Pico que frequentavam o liceu da Horta. Os elevados custos que implicava a deslocação para a ilha vizinha, faziam com que apenas alguns, com maiores recursos e familiares no outro lado do canal, o pudessem frequentar. Para outros, a alternativa era a frequência do seminário de Angra do Heroísmo. Durante várias gerações muitos jovens seguiram rumo à ilha Terceira, a larga maioria para o seminário de Angra do Heroísmo, onde continuaram os seus estudos com vista a uma formação complementar, longe das famílias, com muita persistência, sacrifício e saudades, que eram mitigadas, de vez em quando, pelas cartas e encomendas transportadas em embarcações do Pico e, eventualmente, num raro regresso durante as férias do Natal, quando o mar o permitia e pouco mais. Oportunidades de educação para a população feminina praticamente não existiam, a não ser a integração em atividades

socioeducativas comunitárias informais, criada na Madalena, no final dos anos 60 do século XX, conforme se pode constatar abaixo (Turma da Escola Comunitária).

No Pico, o ensino público continuava assente nas escolas que ensinavam as primeiras letras, herdeiras da reforma pombalina, os “mestres de ler, escrever e contar”.

Os relatórios do Governador Civil, António José Santa Rita, dão-nos informações pertinentes sobre a “instrução pública” da ilha. No relatório datado de 1857, pede-se uma escola primária para a Prainha, onde se evidencia que “Esta ilha, que se divide em 3 concelhos, com uma população de 28.471 almas espalhadas por uma grande superfície, apenas tem uma escola de meninas na vila de São Roque, criada ultimamente por Decreto de 24 de Novembro de 1858”. Três anos mais tarde, no relatório de 1861, pedem-se escolas primárias, para o sexo masculino, para as freguesias de Candelária e Santa Luzia reafirmando, “Vilas da Madalena e Lajes – Estas duas vilas, e os concelhos de que são sede, ainda não possuem infelizmente uma escola de primeiras letras para o sexo feminino. Inútil é demonstrar a conveniência da sua criação e pedir unicamente para a sede do concelho, o que se devia estender a todas as paróquias não é pedir muito...”

Para prosseguir estudos apenas existiam as antigas aulas de Latim, nas vilas de São Roque e Lajes do Pico, que funcionavam nos conventos franciscanos. Nestas, em 1859, cursaram 22 alunos. Em 1868, verifica-se que fora encerrada a aula de Latim das Lajes (Ávila, 1995).

Durante cerca de 100 anos praticamente nada de novo aconteceu no sistema de ensino da ilha do Pico.

A meados do século XX, em 1951, uma particular, Olga Soares, nas Lajes do Pico, abre um externato particular, com 10 alunos, mas que apenas preparava para os 1º e 2º anos do liceu (Ávila, 1995). Um pouco mais tarde, junto com Manuel Moniz Bettencourt, José Azevedo e esposa Isabel e outros, lançam o ensino particular.

Entre os anos 1957 e 1958, na vila da Madalena, Cecília Amaral inicia explicações particulares a alunos que quisessem continuar os estudos para além da primária ou que quisessem fazer o exame de admissão ao liceu.

Um pouco mais tarde, nos anos 1965/66 um grupo de professoras primárias, Maria Elvira, Maria Pinheiro e Maria Ascensão, iniciavam explicações a alunos do concelho de São Roque, para o mesmo fim.

Entretanto, é criado o 3º ciclo, no liceu da Horta, em setembro de 1957, tendo sido considerado um grande benefício e até uma grande vitória, não só para os faialenses, mas também para os picoenses, florentinos e corvinos, que desta forma acediam ao estatuto de Liceu Central. (Lobão, 2004).

Em 1967 é criado o Ciclo Preparatório do Ensino Secundário, com o objetivo de substituir o 1.º ciclo do ensino liceal, passando este a ter uma duração de cinco anos, com um curso geral de três e um curso complementar de dois (6º e 7º ano). Este novo ciclo só entrou em funcionamento, no ano letivo de 1968/69, após a criação da Escola Preparatória Duque de Ávila, na cidade da Horta.

Segundo o entendimento de Lobão (2004), “Não obstante ser um liceu, por vezes, com pouco material, a funcionar em instalações muito deficientes e com falta de professores, contribuiu para a formação dos espíritos, para a divulgação dos conhecimentos científicos e literários, para o estudo *amoroso* da localidade e da sua história, dos seus valores e das suas tradições”, situação que era, então, vivenciada em todas as comunidades, um pouco por todo o lado, onde funcionava um estabelecimento de ensino.

A história do liceu é marcada pela estreita ligação à Escola do Magistério Primário, criada em 1945, com o objetivo de tornar acessível a sua frequência a alunos das ilhas dos distritos da Horta e de Angra do Heroísmo, uma vez que a de Ponta Delgada é frequentada, na sua maioria, por alunos oriundos das ilhas de São Miguel e de Santa Maria. A escolha da sua implantação na Horta, conforme determinação do Governo, deveu-se à situação geográfica privilegiada da ilha do Faial, por ser mais central em relação às demais ilhas que compunham os grupos Central e Ocidental da Região Autónoma dos Açores. A sua criação constituiu, também, uma resposta à falta do 3.º ciclo no liceu da Horta, porque a cidade passou a ter um curso de formação de professores e todos podiam alcançá-lo com a existência de uma Escola do Magistério Primário.

Nem todos os jovens se inscreviam no liceu da Horta, devido às contingências provocadas pela descontinuidade geográfica, à pobreza de muitas famílias, às agruras da separação familiar e às obrigações de trabalho na procura de subsistência e mitigação de privações, o que obrigou a soluções alternativas à escolaridade regular para permitir o acesso aos exames. É neste contexto, que várias entidades são autorizadas a exercer o paralelismo pedagógico (ensino particular), ou seja, a criação de resposta para habilitar os alunos para os exames do liceu.

A autorização para abertura de estabelecimentos particulares denominados colégios (quando os alunos são internos) e externatos, é feita através de alvará da Direção do Ensino Particular do Ministério da Educação, devendo os alunos matricularem-se numa instituição de ensino oficial, no caso do liceu da Horta, para depois se poderem habilitar aos exames e terem acesso ao respetivo diploma, o que significa que compete ao liceu a validação das aprendizagens efetuadas nas escolas particulares existentes no distrito de referência.

Na época de exames, os alunos das outras ilhas deslocam-se à cidade da Horta para a realização das provas escritas e das provas orais. Devido ao aumento do número de alunos, sobretudo, residentes nas ilhas de São Jorge e Flores, condicionados pela distância geográfica, dificuldades acrescidas de comunicação e sobrecustos para as famílias, os professores do liceu na década de 60, como forma de mitigação, começam a deslocar-se àquelas ilhas, competindo-lhes promover, fiscalizar e recolher os exames nacionais do 1º ciclo e de admissão ao liceu. As respetivas provas dos exames de admissão ao liceu eram constituídas por Ditado, Redação, Aritmética e Desenho.

No caso particular da ilha do Pico, devido à proximidade geográfica ao Faial, os alunos do ensino particular dos três concelhos, tinham de se deslocar à Horta para realizarem afincadamente os exames que lhes estavam destinados.

Esta situação mantém-se após a abertura dos Externatos de Ensino Particular das Lajes (General Lacerda Machado, em 1964), de São Roque (1966-1967) e da Madalena (fundado por Cecília Amaral, em 1967).

Após a instalação do regime autonómico dos Açores, finalmente os externatos existentes na ilha, à exceção do Externato da Madalena do Pico, transformam-se em escolas oficiais. Na prática continuavam a funcionar em instalações muito precárias com rudimentares recursos materiais.

O externato de São Roque - Externato Coronel Linhares de Lima - no ano letivo 1976/77, tinha inscritos 170 alunos com aulas nos mais variados espaços, na alfândega, no campo de jogos, na escola primária, na garagem do hospital e no convento.

O externato das Lajes - Externato General Lacerda Machado - funcionava no convento franciscano, junto com as várias repartições públicas e instalações do Município, sendo esta última entidade um grande patrocinador. Apenas o Externato de Ensino Liceal Particular da Madalena

possuía instalações próprias, cuja abertura ocorreu a 4 de janeiro de 1972, mercê dos investimentos particulares da sua diretora, Cecília Amaral e do seu pai.

Nos anos 70 e até cerca de 1985, esta mobilidade socioeducativa dos externatos do Pico fez com que aumentasse significativamente o número de alunos interessados em continuar estudos no liceu da Horta. A alavancagem desta tendência residia no facto de assistir-se às melhorias socioeconómicas verificadas nos anos 70, às reformas do ensino suscitadas durante a “primavera marcelista” e, posteriormente, ao entusiasmo e emancipação no acesso universal ao ensino decorrente do movimento 25 de abril de 1974.

Quadro 1. Número de alunos matriculados no liceu da Horta por ano. (Lobão, 2004).

| 1967 | 1968 | 1969 | 1970 | 1971 | 1972 | 1973 | 1974 | 1975 | 1976 |
|------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|
| 88 | 21 | 24 | 111 | 142 | 192 | 154 | 204 | 188 | 215 |

A Horta, à época, sendo capital de distrito, acolhe no liceu local, o maior número de alunos de várias ilhas, sendo a maior proveniência oriundos do Pico, Flores e Corvo, muitos destes confrontados com a contingência de um êxodo insular precoce, ainda antes da adolescência, movidos pelo superior interesse da prossecução de estudos, almejando um futuro transformador de prosperidades. Muitos afastam-se das suas famílias aos dez anos de idade, instalando-se em casas de acolhimento, pensões na proximidade do liceu ou acomodando-se naturalmente em ambientes familiares, dada a estreita relação de afinidade e complementar estabelecida entre as comunidades do Faial e Pico. Este liceu, responsável por uma “zona geográfica de influência pedagógica”, cumpre uma função de tutela dos estabelecimentos de ensino particular, designadamente através da avaliação dos alunos externos. Com a importância dos exames cresce a “indústria das explicações”, que apesar de muito criticada, cumpriram uma importante e incontornável função de apoio escolar e social.

Se até então os professores do ensino primário vinham realizando um trabalho extraordinário, na formação de sucessivas gerações de picarotos, para o arranque do ensino secundário eram necessários docentes com

formação superior (licenciatura ou bacharelato). Era muito difícil o recrutamento de docentes com habilitação própria em ilhas ultraperiféricas com condicionalismos próprios, por força do seu contexto territorial e societal. Felizmente que o Instituto Universitário dos Açores, fundado em 1976, após o 25 de abril, rebatizado, em 1980, como Universidade dos Açores, vinha formando sucessivas gerações de jovens com habilitação própria, inclusive com estágio integrado, que foram fundamentais para o arranque do ensino secundário em todas as ilhas do arquipélago açoriano.

Em 1977, a Portaria n.º 776/77 de 22 de Dezembro instituiu o ensino oficial para as escolas preparatórias de São Roque do Pico e das Lajes do Pico, perspetivando-se a entrada em funcionamento, no ano letivo 1977/78, constituindo este um marco determinante na alfabetização e escolarização da ilha. Neste diploma foi ainda criado um quadro docente, dotado de 12 professores, 4 funcionários administrativos e 4 auxiliares, para cada uma das escolas.

A nova Escola Preparatória de São Roque do Pico foi inaugurada a 4 de janeiro de 1978. Alguns anos mais tarde, no ano letivo 1985-1986 foi possível os alunos iniciarem a frequência do ensino secundário noturno (6º ano) e, no ano letivo seguinte, 1986-87, inicia-se a frequência diurna do secundário (10º ano). O 12º ano só começou a funcionar a partir de 1995.

Nas Lajes do Pico, o ensino oficial, nos primeiros anos, ainda funcionou no edifício do convento franciscano, onde já funcionava o externato particular Lacerda Machado. O novo edifício da escola preparatória foi solenemente inaugurado a 5 de janeiro de 1980. O jornal "O Dever" de 11 de janeiro de 1980, noticiou o acontecimento e iniciou a publicação dos discursos de Manuel Emílio Porto e de Manuel Moniz Bettencourt, distribuídos por sucessivos números. Nos anos 1985-1986, iniciou-se a frequência do ensino liceal noturno, com 24 alunos matriculados.

No Externato de Ensino Liceal Particular da Madalena a frequência do ensino secundário acontece, no ano letivo de 1979/80, com 17 alunos. Em 1983/84, três anos depois, abriu a frequência do 11º ano (7º). Somente perto do final da sua existência foi aberto e disponibilizado o 12º ano (1995/96). Situação esta que mereceu continuidade aquando da abertura da nova escola da Madalena, inaugurada em 10 de novembro de 1996, assumindo, desde o início, a atual designação de Escola Básica e Secundária, Escola Cardeal Costa Nunes.

Após o encerramento do Externato da Madalena, todo o edificado passou a funcionar na atual Escola Profissional do Pico, fundada a 08 de fevereiro de 1999, desempenhando um papel crucial no desenvolvimento local e regional pela sua longevidade e diversidade da oferta de cursos técnicos e profissionais, de modo a corresponder às necessidades do mercado de trabalho em áreas consideradas estratégicas.

Assim se conseguiu, com muito atraso, apenas no final do século XX, que os alunos do Pico não necessitassem de se deslocar à ilha do Faial ou a outra, para cursarem o ensino secundário oficial ou realizar exames do ensino secundário (liceal), possibilitando o acesso a um curso superior, caso o pretendessem, sem necessidade de sair da sua ilha de origem.

Em 1998, pelo Decreto Legislativo Regional n.º 2/98/A, de 28 de Janeiro foram criadas as Escolas Básicas e Integradas de Lajes do Pico, de São Roque do Pico e da Madalena, que englobam as estruturas de educação e ensino dos respetivos concelhos.

Em 2000 a Escola Básica Integrada de São Roque é ampliada e remodelada para as instalações que possui atualmente. Finalmente esta escola estava dotada de espaços mais condignos, uma cantina, laboratórios e um auditório polivalente.

Com o Decreto Legislativo Regional n.º 12/2005, aplicado no Decreto Regulamentar Regional n.º 14/2007/A, as três Escolas Básicas e Integradas da ilha do Pico, passaram a designar-se de Escola Básica e Secundária da Madalena, Escola Básica e Secundária das Lajes do Pico e Escola Básica e Secundária de São Roque.

Em 5 de janeiro de 2009, foi inaugurado o edifício 2 da Escola Cardeal Costa Nunes, concentrando grande parte dos alunos do 1º ciclo na sua escola sede. Em 2011, o mesmo ocorre com a abertura do edifício 2 da Escola de São Roque.

Em 2016, precisamente a 15 de setembro, a Escola Básica e Secundária das Lajes do Pico inaugura, finalmente, as suas novas instalações, saindo do centro da vila e assumindo novos e modernos espaços pedagógico-didáticos, que o velho edifício da escola preparatória já não podia oferecer.

A história do ensino açoriano condensa no desenrolar da linha temporal múltiplos aspetos devido a influências políticas e ideológicas que foram emergindo ao longo da história. No conjunto dos liceus e escolas erguidas nos Açores, evidencia-se particularidades entre a sua implementação

formal e o seu efetivo funcionamento, coexistindo distintos ritmos de instalação e incremento da rede regional de ensino, devido à redundância de idiosincrasias nacionais, regionais e locais, com génese na instabilidade política, carência financeira, inconsistência legislativa, dispersidade dos planos de estudos e desorganização administrativa.

Capítulo 2. Biografia Dona Cecília Amaral

2.1. Infância e educação

A Madalena do Pico é uma pequena vila pitoresca rodeada pelo mar imenso, defronte a uma majestosa montanha que em dias de céu aberto acena lá do alto como quem prenuncia uma saudação a todos aqueles que se atrevem a mirá-la no seu esplendor. O mar entra-lhes pelos olhos adentro, ora tão sereno e límpido, ora bravo e tempestuoso como a força das gentes da ilha que aqui nascem e permanecem.

Maria Cecília do Amaral nasceu na vila da Madalena a 31 de março de 1935. Filha de Manuel Pereira do Amaral e de Jerónima Emília Faria Amaral. Ela foi, por excelência, uma das mulheres que se destacou na promoção do ensino e da educação, oferecendo a todos os interessados a oportunidade de estudar aqui nesta “ilha Montanha”.

A infância de Cecília foi um pouco diferente da maioria das crianças dessa altura. Brincava nos tempos livres, sem a obrigação de realizar tarefas domésticas, pois contava com o auxílio de uma empregada na família. Sua mãe, Jerónima, enfrentava problemas de saúde, sendo asmática e sensível a alergias. Como as condições financeiras da família assim o permitiam, Cecília pôde usufruir de uma infância onde era possível dar asas aos seus sonhos.

A sua educação foi seguida a preceito. Naquela época, a escola exigia muito em termos de Português e Aritmética, disciplinas fundamentais para prosseguir os estudos.

Cecília era uma aluna empenhada e por isso nunca chegou a ser alvo de castigos, como era habitual na época. A sua professora Virgínia era conhecida por ser muito exigente com os seus alunos, mas muito bem conceituada na sua profissão.

Na escola havia uma divisão entre rapazes e raparigas. Os alunos do sexo masculino estudavam num edifício separado, onde é atualmente os

CTT da Madalena. As alunas, por sua vez, estudavam no edifício à direita da atual PSP da Madalena.

Cecília era boa aluna, mas não tinha vontade de prosseguir os estudos além da quarta classe. No entanto, o pai de Cecília ambicionava um futuro diferente para a sua filha. Ele próprio tinha começado a trabalhar aos 11 anos para sustentar a família, devido ao falecimento do seu pai, e desejava para a filha um futuro mais promissor.

Embora não fosse habitual as mulheres daquele tempo prosseguirem os estudos, seus pais tinham todo o gosto em que ela fosse professora, porque era uma profissão de grande notabilidade social.

Com base nesta ideia, levaram a filha numa viagem de férias por Portugal Continental com o objetivo de fazê-la conhecer novos lugares e abrir os horizontes. Cecília nesse percurso ficou encantada com as experiências enriquecedoras, nomeadamente com as visitas aos monumentos, museus, etc., onde a pedra branca das arcadas e janelas era de tal forma trabalhada que a fazia lembrar “a renda saída das mãos da sua avó”. Na sua memória ficaram lembranças de pormenores que não existiam na sua terra, tal como as grandes avenidas, grandes edifícios, os lindos coches, e as águas curativas das termas.



Durante a viagem encontraram-se com um amigo de seu pai que era médico. Havia a esperança de que Cecília ao conversar com ele conseguisse ficar motivada e percebesse a importância e o encanto que os estudos poderiam ter na sua vida. O fascínio pela história de vida daquele médico foi importantíssimo para a mudança que se iria operar dentro dela. Foi então que ela começou a pensar seriamente em continuar os estudos.

Após três meses de férias, voltaram para o Pico no navio Carvalho Araújo. Naquela atribulada viagem foram açoitados pelo mau tempo, devido ao surgimento de um ciclo-

ne. Entretanto, no vaivém da maré, o mar amansou e os pais chegaram a casa encorajados pela ideia de que a sua filha um dia seria professora. Na chegada, foi uma alegria poder rever a família e os amigos.

Cecília ainda era uma criança, mas percebeu que ela própria tinha mudado. Voltava agora com a certeza de que valia a pena continuar a estudar.

Depois de chegarem à Madalena, ela informou o pai da sua decisão, e o entusiasmo foi tal que no dia seguinte rumaram ao Faial para que Cecília realizasse o exame final obrigatório e desse por concluído o quarto ano de escolaridade. Só assim poderia prosseguir com os estudos.

Foi inscrita no Colégio de Santo António, na ilha do Faial, aos 10 anos de idade, onde teria de ficar como interna e deixar a vida a que estava habituada. Foi essa a primeira vez que se separou da família. Neste colégio apenas tinham autorização para visitar os pais no aniversário, na Páscoa e no Natal. Ficaria assim na ilha vizinha para estudar e concluir o quinto ano do liceu. Embora tenha ficado triste, conseguiu habituar-se facilmente.

O Colégio de Santo António ficava lá no cimo da Vista Alegre (cidade da Horta), um grande casarão rodeado de muros muito altos e um portão com uma sineta que depois de fechado não se abria a não ser para as meninas irem dar um passeio ao domingo. O rigor e a grande componente religiosa marcaram a vida de Cecília dentro deste Colégio.

As meninas andavam sempre vestidas com um uniforme que constava de uma saia azul abaixo do joelho e um camiseiro branco, acompanhado de um casaco da mesma cor da saia.

Os pais visitavam-na com alguma frequência, mas os primeiros tempos foram difíceis. Ela estava habituada a conviver com a família e com os amigos, e ali tinha de permanecer em regime fechado.

Apesar da saudade de casa e da ilha, ela tinha à sua frente a imagem da montanha do Pico que lhe transmitia a força necessária para continuar a sua caminhada.

Cecília era uma rapariga alegre que gostava muito de rir e cantar com as colegas. Segundo testemunhos de Ângela Furtado Brum (2017) havia um piano no ginásio onde de vez em quando alguém tocava e as freiras deixavam que as raparigas dançassem umas com as outras. No Carnaval havia bailes e elas vestiam-se de rapazes para fazerem os pares de dança. Cecília tinha uma amiga, Adelaide Ávila, de São Jorge, que normalmente era seu par, e com a qual manteve contato durante muitos anos.



Casa de Infância de Santo António – Faial - Açores



Carnaval na Escola Infantil e na Primavera



Recordações da Casa de Infância de Santo António – Faial - Açores

O teatro também era um evento frequente no Colégio, chegaram mesmo a levar à cena uma peça intitulada “O João Tição”.

Segundo Fátima Contente, sua colega de colégio, Cecília também gostava de música e tinha uma bela voz grave, enquanto a Fátima era soprano.

Estas experiências moldaram o percurso educativo e pessoal de Cecília Amaral, desde a sua infância até à sua jornada no Colégio de Santo António. A forte influência dos pais, especialmente do pai, que aspirava um futuro promissor para ela, mudou o curso de sua vida.

2.2. Jornada académica e amorosa

Aos 15 anos, Cecília conheceu Manuel Cristiano, que viria a ser o seu futuro marido. Com 20 anos, Manuel era filho de uma família amiga dos pais de Cecília, e o encontro de ambos ocorreu nos serões em que as famílias vizinhas se reuniam para conviver. Nessa altura, o contacto com o sexo oposto não era permitido. Eles namoravam apenas através de olhares escondidos e silenciosos, onde as palavras não ditas eram já o prenúncio de um amor crescente.

No início os pais não aprovaram o namoro, porque além de haver uma diferença de cinco anos de idade entre eles, ela era ainda muito nova. Com o passar do tempo os ânimos acalmaram e os pais aceitaram o relacionamento. Foi também autorizada a troca de cartas abertas entre os dois, uma vez que Cecília estudava no Faial (Colégio de Santo António).

Tendo em conta que já era uma moça com um compromisso aprovado pelos seus pais, Cecília começou a poder vir passar alguns fins de semana a casa, facto esse que a deixava radiante.

Foi também nesta época que Cecília aprendeu a cozinhar, uma tarefa tradicionalmente atribuída exclusivamente às mulheres.



Encontro amoroso de Cecília Amaral e Manuel Cristiano

O divertimento era algo que fazia parte da sua vida. Os bailes tinham um grande prestígio dentro da sociedade. Era aqui que as pessoas tinham oportunidade de se divertirem e conviverem. Cecília era uma jovem que adorava dançar e estes encontros eram geralmente momentos festivos onde a alegria reinava.

Ela frequentava estes eventos acompanhada pelos seus pais, e dançava muito com Manuel Cristiano as músicas da época, nomeadamente os tangos e as melodias românticas, como por exemplo “Receba as flores que eu te dou”. E foi assim que a sua bonita história de amor desabrochou.

A influência da religiosidade cristã que inicialmente era imposta pelo Colégio continuou a ser uma escolha na sua vida adulta. Na sociedade picarota da época a componente religiosa era central na vida de todos os madalenenses. Foi a influência desta educação que a levou a ajudar os seus conterrâneos, promovendo o ensino e o acesso ao conhecimento no Concelho da Madalena.

No Colégio ficou a estudar durante seis anos e criou entusiasmo para continuar. Contudo, isso não foi possível na altura, optando por ficar a lecionar mais algum tempo no mesmo Colégio.

Mais tarde, entrou para o Magistério Primário e completou a sua formação como professora em 1954. Iniciou a sua carreira como professora na escola da Candelária, e de seguida na escola da Criação Velha, com cerca de 21 anos de idade. Nesta altura ainda não tinha carta de condução, por isso tinha um condutor que a levava diariamente até à escola, somente anos mais tarde tirou carta de condução.

No ano seguinte foi colocada no Faial, para lecionar na escola da freguesia da Feteira. Após concluir o ano letivo no Faial, pediu a sua demissão e começou a dar explicações em casa.

Naquela época havia grandes limitações ao nível do ensino na ilha do Pico, por exemplo não era possível continuar os estudos além da 4.ª classe, conforme constatado no capítulo anterior. O próprio exame final da 4.ª classe era feito na Horta. Cecília começou então a fazer a preparação dos alunos para o exame de admissão aos liceus a todos aqueles que quisessem continuar a estudar e que não tivessem possibilidades financeiras para irem para o Faial.

Primeiramente as explicações eram ministradas na “Casa do Barco”, onde era a casa do senhor João Quaresma, e mais tarde passou a funcionar

no edifício da escola primária, situada na atual Avenida Machado Serpa (Concelho da Madalena), após as horas normais de escola. Além disso, também chegou a dar explicações na sacristia, do lado sul da igreja da Madalena, e na cozinha da sua própria casa. Inicialmente essas explicações eram gratuitas, mas anos mais tarde passaram a ser pagas.

O contexto económico e social na ilha do Pico era precário. O emprego público era débil, não havendo muitas pessoas que trabalhassem nos serviços. A maioria trabalhava no sector primário. A escassez de recursos financeiros dificultava a continuação dos estudos para muitos habitantes locais. Aqueles que tinham vontade de continuar os estudos e condições financeiras para isso, seguiam esse caminho, mas quem não tinha essa oportunidade geralmente ia trabalhar para o campo.

2.3. Vida familiar

Sendo Cecília e Manuel Cristiano enamorados de longa data, resolveram casar e formar família. O evento estava previsto para 5 de fevereiro de 1957, no entanto, foi adiado devido à morte inesperada do seu pai, Manuel Cristiano de Sousa e Simas.

O casamento acabou por se realizar somente a 13 de julho de 1958. “A noiva era encantadora, de vestido alvíssimo e um véu de tule transparente”, como relata Ângela Furtado-Brum (2017).



**Entrada da Igreja
de Santa Maria Madalena - Pico**



**Casamento de Cecília Amaral
e Manuel Cristiano**

Após o casamento foram viver para uma casa acolhedora e moderna, que fica à saída do centro da vila. Ali havia um jardim florido e uma bela vista para o mar, onde ela encontrava a serenidade necessária para continuar a sua missão.

Mesmo depois de casada, Cecília continuou a dar explicações, não pelo dinheiro, mas por ter noção de que só assim alguns jovens da Madalena e arredores poderiam prosseguir estudos, e desta forma estava a contribuir para a prosperidade e melhoria da qualidade de vida das pessoas da sua terra.

O primeiro filho do casal nasceu a 23 de maio de 1959, Orlando Manuel Amaral e Simas, com o parto realizado pela enfermeira Judite. Infelizmente o filho Orlando, faleceu recentemente a 20 de janeiro de 2024.

O segundo filho, Manuel Cristiano Amaral e Simas nasceu a 8 de julho de 1962, e é atualmente o gerente da empresa Barcos do Pico.

Apesar do seu quotidiano ocupado, Cecília era uma mãe extremosa, sempre pronta para ouvir e apoiar os filhos. Demonstrava preocupação com os seus estudos, estabelecendo por exemplo horários dedicados ao estudo para que pudessem alcançar os seus objetivos.

Os filhos durante os seus tempos livres formaram um grupo musical chamado Mini-Ilhéus, que iniciou a sua atividade em dezembro de 1970. Os membros deste grupo eram Gui Herberto na bateria, Orlando Simas nas teclas, e Manuel Cristiano na guitarra. Os pais acompanhavam sempre os filhos nas suas atuações musicais, assim como no hóquei em patins, tanto na ilha como fora dela.

De acordo com o testemunho do filho Orlando, nos primeiros anos de casamento os pais viajavam pouco, algo comum na época. Era o pai de Cecília que, por ser empresário, se deslocava mais frequentemente, principalmente a São Miguel na sua atividade comercial. Enquanto isso, Cecília e o marido administravam a empresa juntos.

2.4. Compromisso com o ensino e expansão do Externato da Madalena

A afluência dos alunos às explicações cresceu significativamente, levando Cecília a ter de construir um quarto na sua própria casa, com dimensões razoáveis, para poder ajudar todos os interessados. Neste espaço, colocou uma mesa de pingue-pongue e bancos corridos para dar

explicações, e que também serviam para ela e o marido jogarem pingue-pongue e se divertirem durante os serões.

Com o aumento notável do número de alunos, Cecília Amaral (conhecida na comunidade local por Dona Cecília) começou a sentir-se sobrecarregada, e convidou inicialmente o professor Rúben Rodrigues para a apoiar na conceção infraestrutural da escola, bem como no acompanhamento letivo.

Porém, o senhor professor Rúben Rodrigues passou a ser o responsável pela Biblioteca Itinerante da Fundação Calouste Gulbenkian, condicionando a sua disponibilidade colaborativa. D. Cecília sentiu a necessidade de recorrer a outro apoio, procurando então o auxílio do senhor Emílio Ferreira para o desempenho destas funções.

A componente letiva de letras era ministrada por ela durante o dia, enquanto a de ciências, ficavam a cargo do senhor Emílio Ferreira, em períodos posteriores ao encerramento da Tesouraria das Finanças.

Por volta de 1967, decidiram reunir vários professores e formar turmas para dar explicações em espaços públicos, em casas particulares e no andar de cima da sua loja comercial. Com o crescimento do grupo de professores, e para tentar cobrir as várias áreas do saber, desde as letras às ciências, foram-se juntando ainda mais professores, nomeadamente Manuel Goulart Serpa, o Pe. Raimundo Bulcão Duarte, o Pe. José Correia e Rúben Bettencourt Cordeiro.

Devido à crescente adesão dos alunos, o marido da D. Cecília, Manuel Cristiano, propôs a construção de uma casa própria para o ensino. Assim, em setembro de 1971, iniciou-se a construção do Externato de Ensino Liceal Particular da Madalena sob a direção do amigo Rúben Bettencourt Cordeiro. Naquela altura, esta obra foi algo de extraordinário uma vez que foi construída num curto espaço de tempo (cerca de 3 meses), tendo inclusivamente resistido ao grande sismo de 23 de novembro de 1973, ocorrido no Pico e Faial.

O Externato da Madalena foi construído ao lado da residência de D. Cecília em terreno pertencente à família.

Este edifício foi construído numa das ausências dos pais de D. Cecília, que estavam em viagem. Foi um empreendimento de custos elevados e que ultrapassava a capacidade financeira de D. Cecília e do marido, mas que estava ao alcance do bolso de seu pai. Utilizaram-se os materiais disponíveis na loja, e o dinheiro do pai que estava guardado. Foi uma decisão arriscada, mas que obteve êxito.



Edifício do Externato da Madalena (fase inicial, 1972)

Quando os seus pais regressaram à Madalena, D. Cecília estava apreensiva com a sua reação, e contou-lhes que tinha feito um externato com o dinheiro do pai. No entanto, porque em terras pequenas as notícias voam como o vento, ele já sabia do acontecido e demonstrou o seu agrado.

O Externato de Ensino Liceal Particular da Madalena, abre oficialmente as suas portas, no dia 4 de janeiro de 1972. A abertura desta escola ampliou o acesso à educação na ilha do Pico, permitindo que muitos dos seus habitantes prosseguissem os estudos e melhorassem as suas condições financeiras e sociais. Na altura “ter mais algum estudo” era sinónimo de melhores empregos. Embora a Madalena do Pico não possuísse muito desenvolvimento, nem um grande número de serviços, para aqueles que estudavam havia sempre mais oportunidades de emprego.

O edifício do Externato era constituído por cinco salas, uma cantina reduzida e instalações sanitárias.

Esta escola oferecia ensino desde o 5º aos 11º anos de escolaridade. Os alunos do 3º ciclo tinham aulas de manhã, de segunda a sábado, entre as 8h00 e as 13h00 horas. O 2º ciclo e secundário tinham aulas à tarde, entre as 13h00 e as 19h00 horas, de segunda a sexta-feira. Tudo era gerido por forma a que o número de salas pudesse acomodar todas as turmas de todos os anos escolares.



Fachada lado norte do Externato da Madalena (1972)

No início dos anos 80, foi alargado o ensino secundário, com a existência do 10º e 11º anos, e somente no último ano de funcionamento (1995/96), houve a possibilidade da expansão e oferta do 12º ano, conforme já demonstrado no capítulo anterior.

Apesar de já se viver um clima de maior liberdade, inspirada pela Revolução dos Cravos, tanto na família como na própria sociedade local, a disciplina e a ordem eram algumas das características que a D. Cecília conseguia continuar a manter na escola. O “ir lá acima” ou “ir à torre de controlo”, expressões usadas entre os estudantes sempre que algum “es-



Sala de Aulas do Externato da Madalena (1984)

perto” resolvia fazer das suas, era símbolo de repreensão e de “cartinha para casa”. O “lá acima” era a casa onde morava a D. Cecília, que sempre sabia repreender e reorientar os alunos com a sua sabedoria, rigidez e amor maternal.

D. Cecília era considerada uma professora muito competente, exigente, e respeitada pelos seus alunos. Os colegas brincavam com o facto de ela ser rigorosa com os trabalhos de casa, dizendo que não podiam fazer mais nada porque os trabalhos de casa da D. Cecília preenchiam o serão inteiro. Esta era uma das suas exigências que valia o esforço porque os resultados eram geralmente muito bons.



Cecília Amaral a discursar – Ginásio

2.5. Formação e outras atividades culturais, políticas e sociais

Depois do curso do Magistério Primário, Cecília Amaral realizou vários cursos de formação universitária na Universidade dos Açores. Como possuía créditos adquiridos pela sua formação inicial, tudo se tornou mais fácil.

Além disso, ela estudou inglês e francês no Instituto Linguaphone. Para isso ela adquiria umas bobines que eram introduzidas num aparelho, onde eram reproduzidos os sons. Cada bobine magnética continha 2 ou 3 aulas

de inglês e francês. Através deste instrumento ela ia ouvindo e treinando a fonética das palavras. Conta o filho Manuel Cristiano, que a receção deste aparelho que lia as bobines e que vinha de fora pelo correio, “era como se fosse um acontecimento especial”.

No final da década de 60, a D. Cecília organizou uma Escola Comunitária frequentada por raparigas que não tinham posses para ir estudar para o Faial. A escola funcionava aos sábados, no Salão Paroquial da Madalena. O ensino abrangia diversas disciplinas que eram lecionadas pelos seguintes professores: a D. Cecília ensinava Francês e Inglês, a D. Emília (enfermeira no então designado Hospital da Madalena) ensinava Enfermagem, a D. Zulmira (professora da escola das Sete Cidades) ensinava Português, e o Pe. Raimundo Bulcão (pároco da Madalena) ensinava Religião e Moral. Além do anteriormente mencionado, ensinava-se também regras de etiqueta e culinária, com o objetivo de formar e capacitar as mulheres para a vida prática do dia a dia.

Além das aulas, havia diversas atividades, entre as quais o teatro que se destacava como um evento significativo na época. Isto devia-se não apenas ao seu papel de entretenimento e fonte de cultura, mas também à sua capacidade de transmitir valores fundamentais para toda a comunidade.



Turma da Escola Comunitária (final da década de 60 do século XX)

As explicações da D. Cecília também abrangiam os adultos que se propunham fazer os “Exames para Adultos”. Eram lecionadas as matérias e referenciais obrigatórios para que os jovens se pudessem preparar convenientemente.

Além disto, também ajudava as pessoas que pretendiam emigrar e que eram obrigadas a saber o básico da língua inglesa, para poderem assim superar a barreira linguística.

Segundo testemunho do filho Orlando, D. Cecília e o marido mantinham uma roda de amigos de elevado nível cultural e social, onde se discutia todo o tipo de temas incómodos, ouvia-se música proibida na época, como por exemplo Rita Olivais, Pe. Fanhais, Zeca Afonso e Adriano Correia de Oliveira.

Mantinham amizade com o Pe. Xavier Madruga, fundador do jornal “O Dever”, e com o comendador Ermelindo Ávila, frequentando a sua casa e “em animadas tardes de domingo dissecavam o passado e o presente e projetavam o futuro da nossa ilha”, conforme enaltece Ângela Furtado-Brum (2017).

Por volta de 1963-1965, Cecília tinha uma coluna no jornal local “Bom Combate”, onde abordava temas relacionados com puericultura.

Nos anos 60, era frequentadora do cinema que passava no salão paroquial, onde se exibiam filmes para toda a família, como por exemplo com o ator Cantinflas ou a Marisol. No entanto, D. Cecília preferia os filmes fornecidos pela empresa de Santo Amaro, que trazia por exemplo o “007”, filmes de comédia como o “Phantoma” e “Louis de Funés”.

Conta-nos o seu filho Manuel Cristiano que a mãe, Cecília Amaral e a amiga Helena Mendonça, filha do Dr. Mendonça, gostavam muito de ouvir discos do Pe. Fanhais que tinha ideias comunistas e subversivas. Esses discos eram adquiridos de forma discreta e chegavam cá “por portas travessas”. O filho diz não saber ao certo como elas os adquiriam, mas provavelmente eram enviados pelo correio de forma dissimulada.

Durante a ditadura salazarista, o marido de Cecília Amaral era Presidente da Câmara Municipal da Madalena e todos enfrentavam desafios devido à repressão. O filho Manuel Cristiano conta-nos que se lembra de o pai dizer: “ainda me vais arranjar sarilhos grandes”. Não nos podemos esquecer que ainda estávamos no tempo da ditadura, e que havia agentes da PIDE espalhados por todo o território nacional para reprimir qualquer foco de ideias subversivas. O regime salazarista reprimia e controlava o que as pessoas ouviam, liam e falavam.

A primavera Marcelista trouxe mudanças entre 1968 e 1970, permitindo uma certa modernização social e alguma liberalização política, e criando a expectativa de uma verdadeira reforma do regime em Portugal. Nessa altura havia duas alas, uma mais conservadora, e outra mais liberal, da qual faziam parte Mota Amaral, Sá Carneiro, entre outros. É daqui que sai a ideia do alargamento do ensino preparatório para todas as pessoas.

Em 1972 Marcelo Caetano resolve então fazer uma reforma no ensino, tornando-o gratuito até ao 5º ano. Aqui na ilha do Pico, isso fez com que muitas pessoas, já com 15 ou 16 anos, viessem a matricular-se no Externato da Madalena. As turmas passaram a ter alunos de 10/11 anos, e outros mais velhos já com idades até aos 16 anos.

Segundo Manuel Cristiano, por volta de 1974/75 algumas pessoas do Faial, que eram mais cidadinas e mais abertas a ideias revolucionárias, vieram ao Pico para fazer uma Reunião Geral de Alunos (RGA), estabelecendo-se contacto de alunos do Pico com a União dos Estudantes Comunistas.

A D. Cecília, diretora do Externato, aceitou a reunião, mas passou previamente pelas salas de aula a dizer que era preciso saber filtrar aquilo que se ia ouvir. Isto não caiu muito bem nas cabeças de alguns alunos, que começaram a expressar preocupações sobre possíveis restrições à sua liberdade, dizendo que “já estamos a levar com a censura”. Precisamos perceber que na altura vínhamos de um regime ditatorial, em que as pessoas já estavam cansadas de ser reprimidas, e onde não havia liberdade de expressão, nem de pensamento.

Neste contexto podemos ver o vídeo de entrevista à Dona Cecília, que se encontra a seguir, e a forma como todo este processo teve impacto na sua vida e na sociedade local.

Entrevista Cecília Amaral (vivência do 25 de abril de 1974) (assistir [aqui](#))

Nestes tempos conturbados de revolução e de mudança, o papel da D. Cecília foi crucial ao demonstrar a sua habilidade em lidar com os desafios da transição. A sua autoridade, disciplina e rigidez fizeram com que não houvesse grandes greves de alunos ou professores.

Em 1980 D. Cecília fez a sua incursão pela política candidatando-se à Assembleia Legislativa Regional dos Açores pelo partido CDS-PP. Apesar da sua vontade de trabalhar pelo desenvolvimento da ilha do Pico, a vontade

do povo não permitiu que fosse eleita.

Curiosa como era, D. Cecília adorava viajar, conhecer novos lugares e a cultura de cada povo. Em 1978 visitou a Califórnia, na altura em que o filho Orlando lá estudava. A partir da década de 80 e 90, passou férias no Brasil, e visitou os seguintes países: Espanha, França, Itália, Suíça, Áustria, Alemanha, Grécia, Bélgica e Holanda. Depois do marido adoecer, D. Cecília valorizou todas as viagens feitas, guardando consigo as boas recordações.

Durante grande parte da sua vida dedicou algum do seu tempo à natação, um desporto que praticou quase todos os dias até à morte do marido, segundo testemunho do filho Orlando. Tomava banho de mar todos os dias do ano, fizesse frio ou chuva, sendo o seu local preferido a Areia Funda. Antes das 8h00 da manhã ela já estava a desfrutar de um banho de maresia que lhe renovava o corpo e a mente.

Foi em 1995 que aprendeu com grande entusiasmo a andar de bicicleta, e a praticar vela com o seu marido, destacando-se aqui o seu espírito aventureiro.

2.6. Reconhecimento e legado

Durante o seu percurso de vida D. Cecília recebeu várias homenagens.

No ano de 2011 foi atribuído o nome Cecília A. a um navio para transporte de mercadorias entre as ilhas do Triângulo. Este navio pertence à Empresa Barcos do Pico, de Amaral, Feliciano e Faria Lda., gerida pelo seu filho Manuel Cristiano. A homenagem decorreu numa cerimónia pública no porto velho da Madalena, onde os amigos e familiares estiveram presentes, bem como o Presidente do Governo Regional dos Açores e outras autoridades.

A Assembleia Legislativa Regional dos Açores deliberou, em 2012, atribuir a Cecília Amaral, professora e empresária, a insígnia autonómica de mérito. Esta homenagem visa distinguir serviços meritórios praticados por cidadãos portugueses ou estrangeiros no exercício de quaisquer funções públicas ou privadas.

Também o Município da Madalena reconheceu o mérito de Cecília Amaral, atribuindo o seu nome a uma das ruas do Concelho da Madalena, Rua Maria Cecília Amaral. Este evento teve lugar a 8 de março de 2013, dia do Município. O Presidente da Câmara, José António Soares, antigo aluno da D. Cecília, fez questão de sublinhar a importância do seu contributo para

o desenvolvimento da educação e do ensino na Madalena. Por sua vez, a homenageada, que estava presente no evento, estendeu o reconhecimento que lhe foi feito a todos os professores, alunos, colaboradores e também ao seu marido.

Manuel Cristiano Fraga Bettencourt e Simas, marido de D. Cecília, foi um homem empreendedor e Presidente da Câmara Municipal da Madalena, entre 1960 e 1972. Era um amante da sua terra e, para além de gerir os seus negócios, empenhou-se na vida comunitária, desempenhando vários cargos em instituições como o Futebol Clube da Madalena e os Bombeiros Voluntários da Madalena, tendo sido também Provedor da Santa Casa da Misericórdia da Madalena. Como empresário foi armador da empresa Barcos do Pico, sócio-gerente da firma Manuel Pereira do Amaral, e o primeiro empresário a abrir uma rent-a-car na ilha do Pico.

A 2 de setembro de 2014, e após doença prolongada, Manuel Cristiano Fraga Bettencourt e Simas viria a falecer. Apesar do estado debilitado do marido, D. Cecília sofreu um grande desgosto, porque via partir o seu companheiro de longa data. A partir de então os seus dias tornaram-se mais tristes e solitários, deixando de ter a força habitual que a caracterizava.

2.7. Em síntese

A biografia de Cecília Amaral revela-nos uma vida extraordinária de dedicação ao ensino, à comunidade e ao desenvolvimento local.

O Externato de Ensino Liceal Particular da Madalena abre no 2º período do ano de 1972, e fecha as suas portas em 1996, quando é inaugurada a Escola Cardeal Costa Nunes, com o ensino oficial.

Com o encerramento do Externato e a abertura da Escola Cardeal Costa Nunes, Cecília Amaral passou a dedicar-se à empresa familiar. Entre 1996 e até à altura em que o marido adoeceu em 2004, Cecília Amaral exerceu a gestão empresarial da empresa da família. Ainda assiste à construção da loja de ferragens, mas a partir daí foi abandonando aos poucos toda a dinâmica comercial. O apoio e cuidado prestado ao seu marido que sofria da doença de Alzheimer impediu-a de continuar a acompanhar a responsabilidade da gestão empresarial.

Segundo o filho Manuel Cristiano, a D. Cecília sempre fez aquilo que amava – ensinar - e desta forma conseguiu também fazer aquilo que era importante para a nossa sociedade local, proporcionando a muitas pessoas

condições para a realização dos seus projetos de vida.

De acordo com o ponto de vista de Manuel Cristiano, um dos grandes momentos de felicidade de D. Cecília foi quando ela viu fazerem as obras de ampliação do edifício que hoje é a Escola Profissional do Pico. Ela ficou mesmo feliz, porque afinal esta remodelação foi a continuação do ensino que ela tanto promoveu, e um testemunho da história dela que chega aos nossos dias.

D. Cecília Amaral deixou-nos um legado duradouro na educação e na comunidade da Madalena do Pico. O seu empenho, a sua paixão pelo ensino e o seu trabalho para o desenvolvimento educacional local são marcos que continuam a inspirar gerações.



Edificado do Externato da Madalena (fase inicial, 1972)



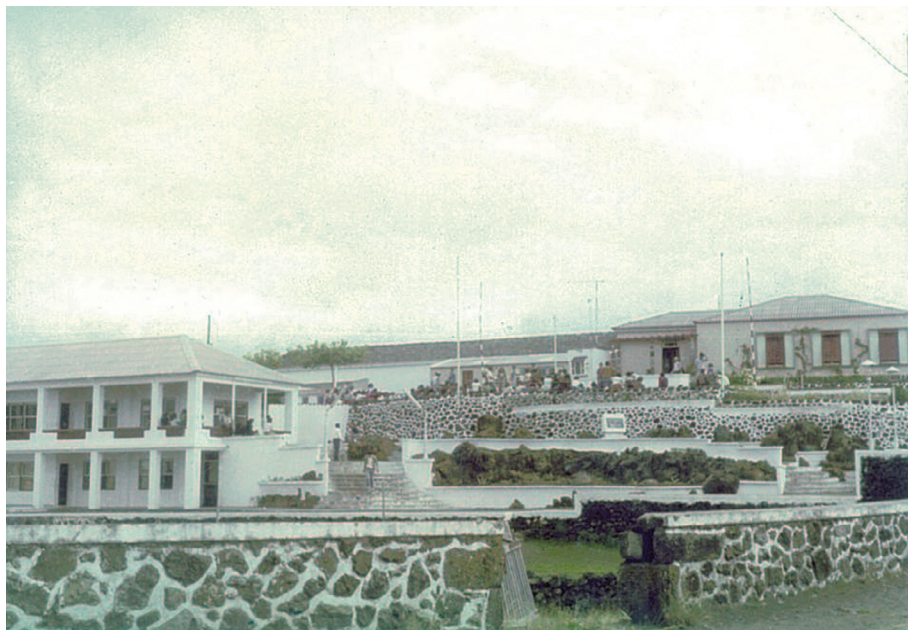
Edificado do Externato da Madalena – Zona da Cantina (fase inicial, 1972)



Rés do chão e 1.º Piso (1972)



Pátio adjacente à residência familiar (1978)



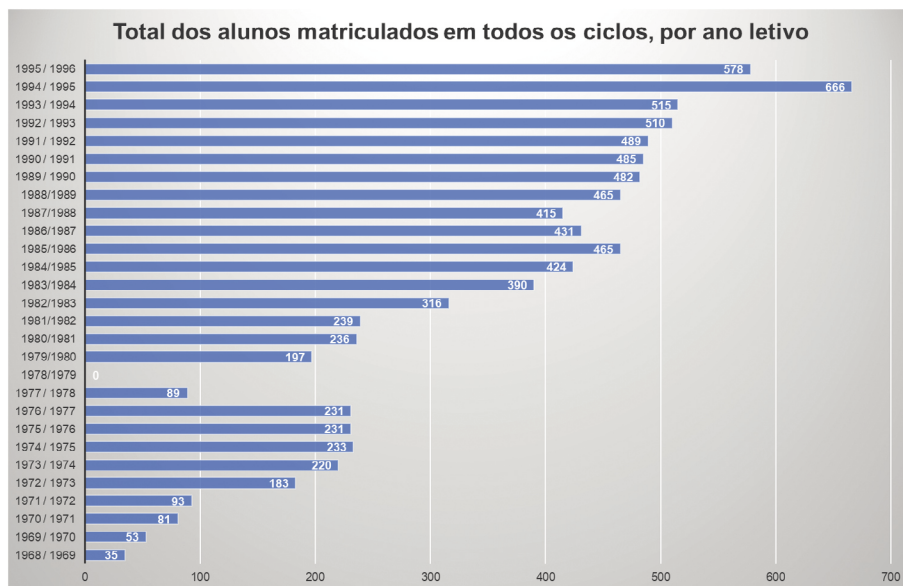
Propriedade adjacente ao Externato da Madalena – “Terra do Salsa”



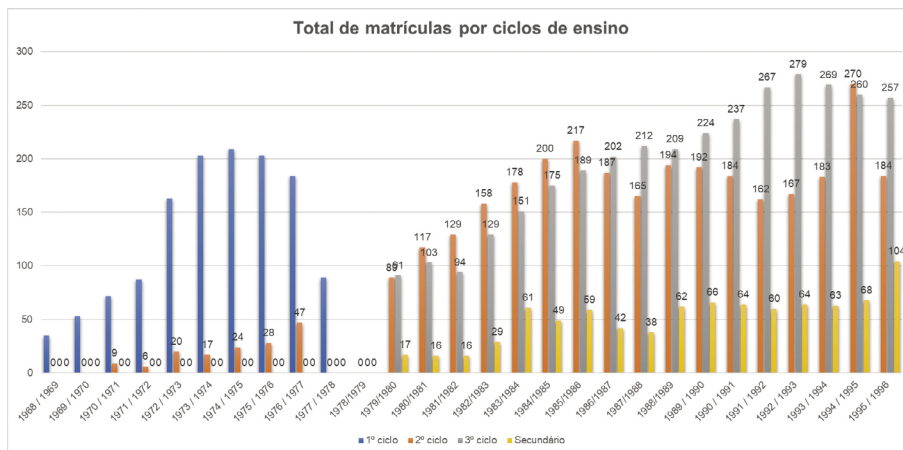
Última fase de ampliação do Externato da Madalena (1988)

Capítulo 4. Comunidade educativa em números (1968-1996)

Quadro 2. Total dos alunos matriculados em todos os ciclos/ano letivo



Fonte: Divisão de Contabilidade e Estatística – Secretaria Regional da Educação, Cultura e Desporto

Quadro 3. Total de matrículas/ciclos de ensino

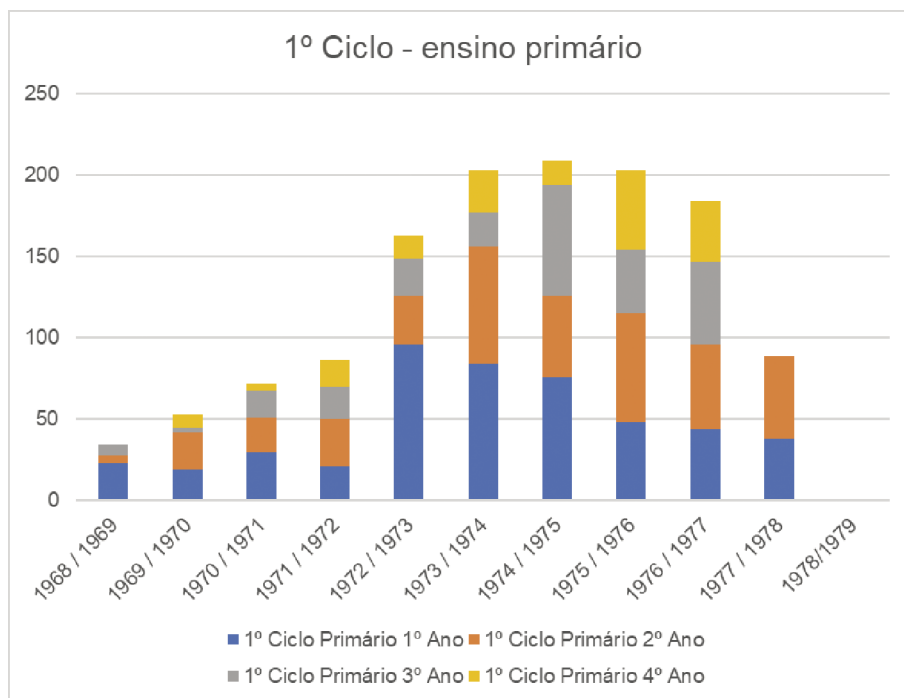
Fonte: Divisão de Contabilidade e Estatística – Secretaria Regional da Educação, Cultura e Desporto

Não existem dados estatísticos oficiais anteriores a 1968/69, uma vez que se tratava de “explicações” particulares e domésticas. Não foi igualmente possível obter dados relativamente ao ano letivo 1978/79.

Os anos a seguir ao 25 de abril de 1974 foram relativamente conturbados. Durante este período o Externato da Madalena correu, inclusivamente, o risco de ser “nacionalizado” ou “ocupado” pela população, na sequência de incentivos dos militares do Movimento das Forças Armadas (MFA), aquando das suas deslocações à Madalena em sessões de esclarecimento.

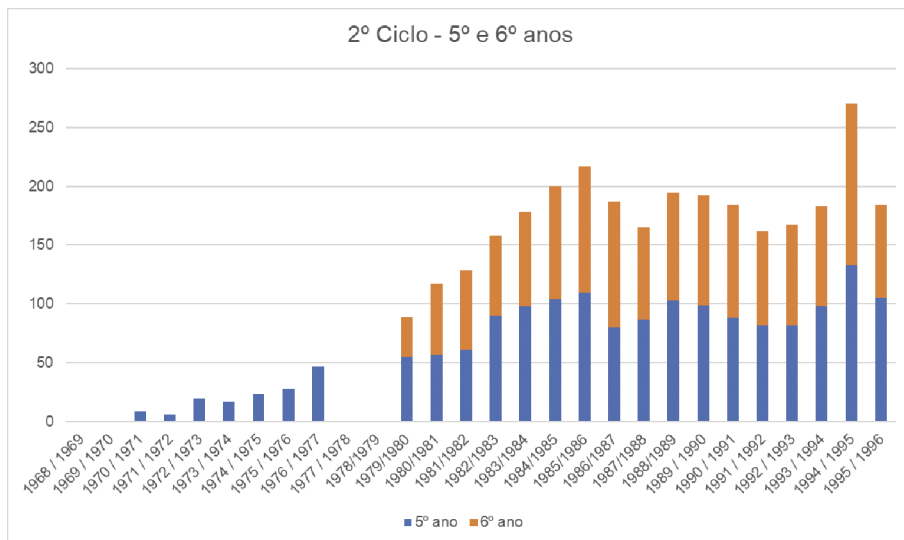
À exceção do período, pós 25 de abril, até ao ano letivo 1978/79, a partir do ano letivo 1979/80, o número total de alunos matriculados foi sempre em crescendo, atingindo o máximo próximo do seu encerramento. Apenas nos anos 1986/87 e 1987/88 se verificou um ligeiro decréscimo, provavelmente pelo facto de alguns alunos da Madalena se terem matriculado na Escola de São Roque para a frequência do ensino secundário, que ali tinham começado em 1986/87 para o 10º ano e, no ano letivo seguinte, para o 11º ano (1987/88).

No conjunto de todos os ciclos de estudos, registaram-se no total 8.752 alunos matriculados no período compreendido, entre 1968 e 1996.

Quadro 4. Total de alunos do 1.º ciclo (1968/69 a 1977/78)

Fonte: Divisão de Contabilidade e Estatística – Secretaria Regional da Educação, Cultura e Desporto

As matrículas para o ensino primário atingem um pico nos anos 1974/75, decrescendo a partir de então. Provavelmente, por consequência direta do desenvolvimento do ensino primário público, após o 25 de abril e, ao mesmo tempo, o desenvolvimento dos 2º e 3º ciclos, em especial a partir do ano letivo 1979/80.

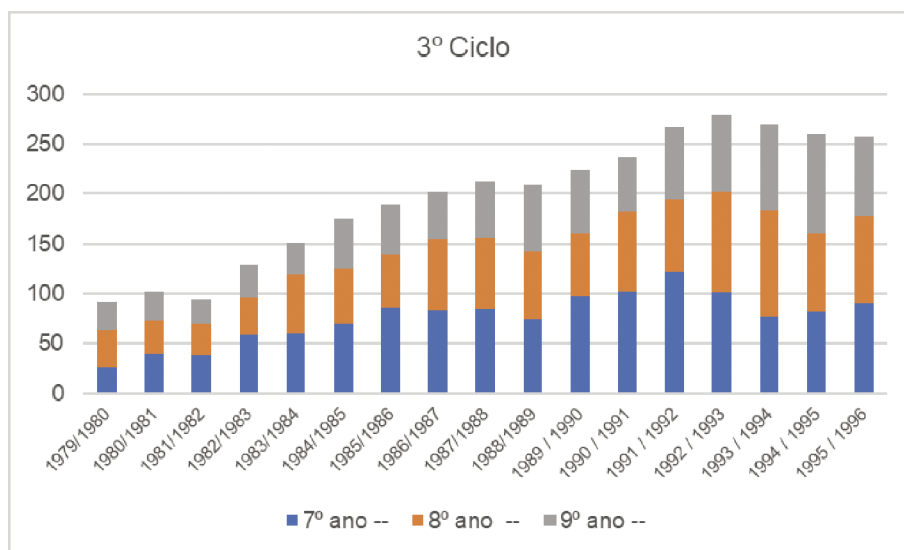
Quadro 5. Total de alunos do 2.º ciclo (5º e 6º anos) (1970/71 e 1995/96)

Fonte: Divisão de Contabilidade e Estatística – Secretaria Regional da Educação, Cultura e Desporto

As matrículas para o 2º ciclo iniciam-se de forma incipiente, aumentando significativamente com a introdução do segundo ano (6º) e, sobretudo, como referido, a partir do ano letivo 1979/80.

No ano letivo 1985/86 atingiu-se um pico de matrículas por ano. A partir deste ano letivo verifica-se alguma estabilização, ou até mesmo, uma diminuição pontual de matrículas, exceção feita ao ano letivo 94/95, em que as mesmas atingiram, excecionalmente, o máximo anual de 270.

Constituíam-se assim a oportunidade de obter o 2º ciclo no Externato da Madalena, e por essa via, o acesso a carreiras profissionais, bem como a condição propícia de entrada no tão almejado elevador social.

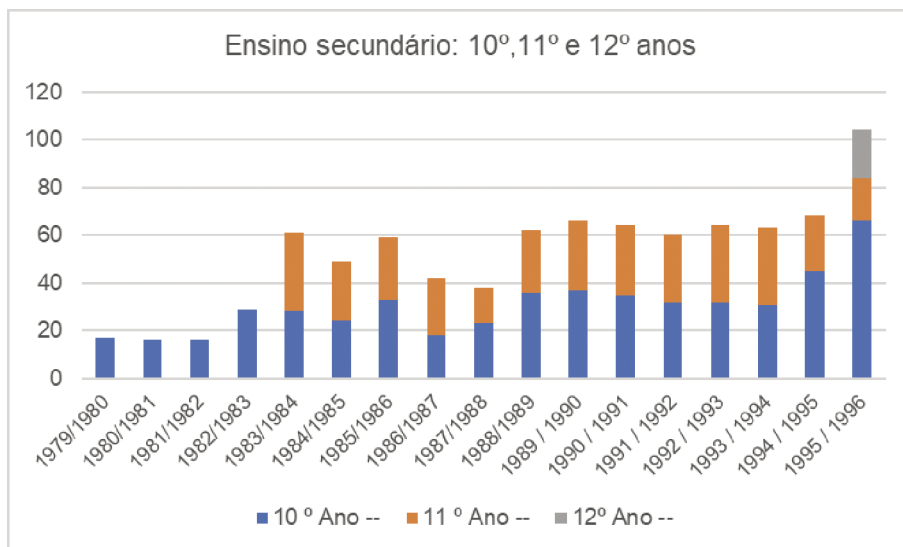
Quadro 6. Total de alunos do 3º ciclo (7º, 8º, 9º anos) (1979/80 a 1995/96)

Fonte: Divisão de Contabilidade e Estatística – Secretaria Regional da Educação, Cultura e Desporto

A escolaridade obrigatória até ao 9º ano, em Portugal, é emanada pela Lei n.º 46/86, de 14 de outubro. Todavia, antes desta data, tal como para o 2º ciclo, é igualmente, a partir do ano letivo 1979/80, que se verifica o arranque e crescimento do 3º ciclo, que atinge o máximo de matrículas no ano letivo 1992/93, decrescendo ligeiramente até ao encerramento deste estabelecimento de ensino, em 1996.

Este decréscimo no final dos anos 90, evidencia alguma estabilização das matrículas, provavelmente pelo facto de os alunos de maior idade, que não tinham iniciado os estudos no seu tempo próprio e/ou oportuno, ou interessados em completar os seus ciclos de estudos tivessem deixado de existir, ou eram em números residuais. Estava-se longe do período em que, na mesma turma, existiam alunos jovens e alunos adultos, ou até mesmo pessoas com idade avançada.

Quadro 7. Total de alunos do Ensino Secundário (10º, 11º, 12º) (1979/80-1995/96)



Fonte: Divisão de Contabilidade e Estatística – Secretaria Regional da Educação, Cultura e Desporto

O ensino secundário inicia-se, igualmente, no ano letivo 1979/80, mas apenas para o 10º ano (antigo 6º), persistindo as matrículas apenas para este ano de escolaridade, durante 4 anos letivos sucessivos. Só em 1983/84, se inicia o 11º ano. Mais tardia ainda é a oferta do 12º ano, apenas no último ano de funcionamento do Externato Liceal da Madalena (1995/96). Este ano de escolaridade (12º) apenas surge na lei, no ano letivo 1980/81, com o término do ano propedêutico, que havia sido estabelecido no ano letivo 1977/78.



Exposição de trabalhos – Ginásio

O número de matrículas no ensino secundário demonstra alguma estabilidade, ao contrário do 2º ou 3º ciclos, que evidenciaram fases de forte crescimento. Curiosamente, o último ano de funcionamento é aquele em que se regista o máximo de alunos matriculados no ensino secundário.

Conforme referido, o arranque do ensino secundário comportava acrescidas dificuldades em termos de docentes com habilitação necessária para lecionar estes anos de escolaridade.

Capítulo 5. Impactos na comunidade educativa

5.1. Antigos professores entrevistados

Tomando em retrospectiva a evolução das políticas educativas na Região Autónoma dos Açores, e com acuidade particular, à ilha do Pico e ao Concelho da Madalena, será unânime assumir-se, que o contexto escolar se torna num eixo-central de influência no quotidiano dos madalenenses, pelos seus impactos gerados no domínio social, educativo e cultural, inaugurando a abertura de uma nova era de emancipação, sem quaisquer precedentes. Coexistindo, uma mudança gradual com a adoção de um



Comunidade educativa reunida no Ginásio

modelo horizontal de ordenação do sistema educativo, onde o projeto - Externato da Madalena – figurou como sendo a primeira referência, pese embora a sua gestão de natureza privada com financiamento público, este estabelecimento inaugurou a democratização do ensino local, vertido através da sua autonomia educativa e financeira.

A mudança progressiva de franca modernização ocorrida na sociedade portuguesa, nos finais da década de 80, do século transato, impulsionada pela integração europeia, teve projeção na Região Autónoma dos Açores, tendo por base regulamentar a adoção da Lei de Bases do Sistema Educativo de 1986, reconfigurando assim toda política educativa. As principais transposições materializaram-se no expansionismo do Estado Social, entre outras na área da educação, na busca de esbater desigualdades sociais, através da promoção de medidas conducentes no acesso à igualdade de oportunidades e à democratização da escola pública.



Turma reunida à frente da Cantina

Neste quadro transformador, assiste-se à abertura a investimentos de cariz privado, ao desenvolvimento de uma maior liberdade do ensino, com efeito numa progressiva maior autonomia da escola, à transferência

de poderes para a sociedade civil, pese embora a ritmos menos acutilantes nos Açores.

É neste contexto que a fundadora e diretora do Externato da Madalena, professora Cecília Amaral, convoca e motiva destacadas personalidades madalenenses a assumirem a função de docência, a maioria sem competências pedagógicas de docência profissionalizante, mas dotadas de abnegado espírito de missão ao serviço da revigorada e emancipada comunidade educativa madalenense.

Entre as centenas de docentes que desempenharam funções de docência, no último quartel do século XX, destacam-se o professor Rúben Cordeiro, docente da disciplina de Desenho e Trabalhos Manuais, dadas as suas valências diferenciadas e de refinamento artístico, e mentor das várias fases dos projetos de engenharia civil que o Externato da Madalena conheceu. O senhor Emílio Ferreira, pela sua formação cultural, o senhor Pe. Raimundo Bulcão e o Comendador Manuel Serpa pelas suas apetências nos domínios da língua portuguesa e teologia, onde dedicou a maioria da carga letiva à disciplina de Português.

Por ocasião das entrevistas concedidas, por parte de antigos docentes, seguidamente, propõe-se transcrever as suas narrativas, contextos e sentidos, de modo rigoroso e personalizado, de acordo com os vários elementos informativos tidos em presença.

Manuel Goulart Serpa (1967 – 1994)

Lecionou Português; Educação Física; Noções de Administração Pública e Relações Públicas, entre os anos de 1967 e 1994.

O início do seu longo trajeto no Externato da Madalena, coincide com o período anterior à sua abertura oficial (4 de janeiro de 1972), onde assistiu à transição de locais, primeiramente nos atuais CTT, depois em espaços contíguos à casa da D. Cecília, reconhecido por pertencer ao “núcleo duro”, hoje equiparado à assembleia de escola, dado o seu perfil visionário sobre o mundo, paixão da mundividência picarota e acérrimo defensor de ideais progressistas.

Carateriza o tipo de liderança da D. Cecília, como sendo uma pessoa de enorme força interior, “apontando como sendo uma líder nata, dotada de uma invulgar capacidade de trabalho, dentro e fora da escola, intransponível em superar objetivos de melhoria nas condições a oferecer, quer em

infraestruturas e equipamentos, quer em recursos humanos docentes e não docentes”. Acrescenta que “era uma mulher com uma vontade indomável que outrora sonhou uma educação universal e acessível para a comunidade e alcançou essa proeza com mestria e muito labor”, sendo ao mesmo tempo um esteio ao lado do marido, no que respeita ao apoio à atividade comercial exercida.

No que se refere ao grupo de docentes, enaltece “a competência de muitos docentes sem experiência para a docência, mas com destacada experiência de vida pessoal e profissional, demonstrando uma vontade inquebrável de cumprir os compêndios das disciplinas que lhes eram destinadas, com precárias condições pedagógicas”. Quanto ao grupo de pessoal não docente, reconhece “o vigor no cumprimento no exercício das funções afetas e o poder de entejuda nos vários setores, persistindo uma união muito forte entre todos, resultando em vínculos de amizade duradouras mantidas, inclusivamente, fora do contexto de trabalho”.



Exposição de trabalhos – Ginásio

A afinidade idiossincrática e umbilical de Manuel Serpa com a comunidade madalenense, permite descrever esta nova era emancipatória, como “uma imprescindível via para obtenção de literacias mínimas, para uns, e a progressão de estudos, para outros, constituindo um período de felicidade suprema, por uma oportunidade concedida, no Externato da Madalena, nunca antes sonhada, dado que a norma cultural vigente era sair da escola primária e pegar numa enxada”. O convívio com a

comunidade estudantil, permitiu-lhe diagnosticar em profundidade as principais dificuldades e privações experimentadas por muitos jovens e famílias constituintes. Sublinha em suplemento, que este período áureo no Concelho da Madalena, permitiu para muitos a aquisição de conhecimentos, novas habilitações ao nível do ensino superior, “mudando a face da ilha e do Concelho, originou ganhos de cidadania e a tornarem-se melhores cidadãos do mundo”.



Jogos Desportivos – Campo de Jogos

Numa breve apreciação ao sistema educativo instituído em comparação com o atual, reconhece uma acentuada diferença, pelas exíguas condições de outrora, destituídas de preparação pedagógica e sem acesso a novas tecnologias, ausência de apoios e/ou subsídios escolares suficientes, falta de uma rede de transporte escolar, implicando em muitas ocasiões, ele próprio a voluntariar-se a transportar 12, 13 ou 14 jovens estudantes, no seu próprio carro, de modo improvisado, “causando naturais amassos de algum membro”, mas sem qualquer registo de incidentes até ao destino final das suas casas.



Exposição de trabalhos – Ginásio

Entrevista Manuel Serpa (1) (2024) (assistir [aqui](#))

Entrevista Manuel Serpa (2) (2024) (assistir [aqui](#))

Pe. Raimundo Garcia Bulcão Duarte (1967-1996)

Lecionou Português; Latim; Educação Moral e Religião Católica; História de Portugal; Estudos Sociais e Educação Musical, entre os anos de 1967 e 1996.

O início da experiência de docência do Pe. Raimundo Bulcão entrecruza-se com o aportar do seu exercício sacerdotal na sua nova Paróquia da Madalena, em consequência do repto lançado pela D. Cecília, dada a sua aptidão para a língua portuguesa e formação canónica, tenha facilitado a leção de disciplinas como Português, a Educação Moral e Religião Católica, a História de Portugal e, inclusivamente, Estudos Sociais.

Numa análise retrospectiva ao funcionamento do Externato da Madalena, assim como à gestão operada, reconhece que a gestora D. Cecília “era por natureza uma líder nata, uma mentora em prosseguir com o

desenvolvimento de uma escola na Madalena”, em períodos conturbados e sem avultados recursos, sendo que os maiores constrangimentos advindos eram originados pela demasiada concentração das próprias instalações, representando poucas salas para muitos alunos.

Em contraponto, destaca a importância dos intercâmbios desportivos realizados “por altura da Páscoa e a residual formação contínua de docentes que se tornavam oportunidades de aproximação, através da troca de experiências”.



Festa da Páscoa

Relembra que aquando do surgimento do Externato da Madalena, “o regime do Estado Novo encontrava-se moribundo, em falência, e por isso assistia-se ao despontar dos externatos”, entenda-se de natureza privada, gerando com isso benefícios na oferta de novas oportunidades.

Evidencia a ideia do surgimento da expansão da escola pública, e novos externatos, “que franquearam muitas portas a todos jovens, sem qualquer discriminação”. No seu entendimento, “houve um antes e um depois do 25 de abril de 1974”, onde o sistema educativo antes era seletivo, e depois torna-se acessível a todos os jovens. Ao Concelho da Madalena, em particular, atribui como sendo um dos principais projetos de mais-valia

no desenvolvimento na vila e no Concelho, configurando “mais formação humana aos seus habitantes, mas particularmente aos jovens”.

Perfilando o grupo de docente encontrado no Externato da Madalena, com entrada e saída de vários professores, alguns com curta permanência no Concelho da Madalena, “todos eles eram de extrema generosidade em partilhar o seu saber profissional com os seus alunos”.

Nas várias camadas geracionais de discentes madalenenses destaca as centenas de rapazes e raparigas disponíveis para construir o seu futuro com o apoio de quem estava ao seu serviço.

No final do depoimento, Pe. Raimundo Bulcão dá aso algumas memórias dentro e fora de portas do Externato da Madalena, lembrando de ter assistido ao espírito irreverente e expansionista do professor Rúben Cordeiro.

“Era uma manhã primaveril em pleno tempo letivo: enquanto mestre Tonta das Bandeiras e seus serventes preparavam o enchimento de mais uma viga, ao lado D. Cecília acompanhada do marido, senhor Manuel Cristiano, o hábil professor Rúben Cordeiro estendia a fita métrica à procura de espaço para alargar ainda mais as fronteiras da obra Externato da Madalena!”

Dada a sua permanência em convívio estreito com a comunidade madalenense, onde assistiu ao longo do tempo ao desenvolvimento socioeconómico local, partilha o contexto de várias mobilidades humanas e materiais insulares mais particularmente com a ilha vizinha do Faial.

“Ao chegar à vila da Madalena, no Outono de 1967, uma das minhas curiosidades iniciais era observar o movimento de “carga e descarga” de passageiros no cais velho... Passadas algumas semanas dei-me conta de numerosos jovens de ambos os sexos, que partiam e regressavam em todos os fins de semana... Descarregando malas e cabazes, emprestavam os ditos jovens um colorido muito especial ao cenário. Tratava-se nem mais nem menos de gente que frequentava o ensino público, no liceu, na vizinha cidade da Horta”.

“Eram certamente umas dezenas os que iam valorizar-se..., mas quantos e quantos ficavam na margem de cá, a quem ficava vedado o acesso a uma verdadeira promoção humana!

Entrevista Pe. Raimundo Bulcão (2024) (assistir [aqui](#))

Lívia Maria Amaral Silveira (1984-1996)

Lecionou Português; Estudos Sociais e História, entre os anos de 1984 e 1996.

O seu percurso no Externato da Madalena é iniciado enquanto aluna no ano letivo de 1971/72, com uma progressão plena até ao 9.º ano, integrando uma geração que aproveitou a derradeira oportunidade de escolarização concedida.

A recém docente começou por lecionar as disciplinas de Português, Estudos Sociais e História, no ano letivo 1984/85, sendo-lhe endereçado convite para lecionar Estudos Sociais e História quando terminara o 12.º ano e ingressou no curso de Português-Francês, na Universidade dos Açores, com o estatuto de trabalhadora-estudante. Sendo-lhe confiado, progressivamente ao longo do seu percurso no Externato, maiores cargas letivas, precisamente na disciplina de maior aptidão – Português -, cujo seu ciclo de exercício de docência culmina com último ano letivo de atividade deste estabelecimento em 1995/96.

Ademais da responsabilidade da prática de docência, acumulou esta com outras funções diretivas, como seja, o de diretora de turma e de coordenadora de grupo, sendo os currículos adotados com paralelismo pedagógico correspondentes aos referenciais curriculares públicos, sendo a fonte de financiamento proveniente do erário público regional, alocado essencialmente ao grupo de docentes e não docentes.

Lívia Silveira, durante o seu trajeto, enquanto aluna e depois como professora, pôde constatar uma evolução exponencial do Externato, evidenciada através do “reforço do número de sala de aulas, para fazer face ao gradual crescimento da procura de alunos, dotada de uma biblioteca exígua, mas a possível, e a construção de um ginásio coberto para proporcionar condições adequadas à prática de Educação Física”. Contudo, reconhece, carências evidentes ao nível da habilitação própria para o exercício de docência, conforme era o caso da maioria dos docentes contratados. Não obstante, cedo percebeu que o critério que presidia à seleção dos mesmos, “centrava-se na competência nas áreas profissionais específicas de cada um, repercutindo-se em aulas produtivas e satisfatórias ao desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem”.

Caraterizando o perfil dos agentes educativos envolvidos, evoca que, por parte do grupo de docentes, não notou qualquer tipo de trabalho conjunto

e articulado, “ao nível da planificação de aulas, critérios de avaliação, o que limitava a estratégia e o estabelecimento destes parâmetros educativos”. E concretiza, “a classificação atribuída por alguns docentes era influenciada pela de outros colegas”.

Quanto ao grupo não docente, assistiu a um ambiente salutar entre todas as partes, apesar do reduzido número de funcionários, sendo à época constituído por “dois administrativos, e os restantes colaboradores considerados muito polivalentes no exercício das suas funções, sobretudo no acompanhamento aos alunos”. Pese embora os conflitos existentes, serem uma circunstância inevitável nas instituições ou organizações, ainda assim descreve que “havia uma certa cumplicidade entre todos os intervenientes no processo educativo, discentes, docentes, pessoal auxiliar, administrativos e diretora da escola”.

No que respeita aos alunos, refere que normalmente eram divididos em duas turmas, constituindo um grupo muito heterogéneo, no que se refere às aspirações futuras. Ou seja, por um lado, “um grupo restrito que detinha expectativa de progressão em estudos no ensino superior”, por outro, “um grupo constituindo a maioria, que considerava que o secundário seria o suficiente para lhe proporcionar as habilitações necessárias para encontrar uma profissão adequada”, assistindo-se somente nos últimos anos, a uma inversão quanto à visão e ao planeamento futuro académico, por parte dos alunos madalenenses.

Enaltece que o Externato da Madalena constituiu um fator de grande desenvolvimento para o concelho da Madalena, atendendo à parca situação económica da maioria das famílias do concelho e, por conseguinte, “à incapacidade de custearem as despesas com a deslocação dos seus filhos para a vizinha ilha do Faial”, levando-a considerar, que a acessibilidade promovido aos alunos determinou a aquisição de novos conhecimentos, o desenvolvimento de competências, habilitando-os para um envolvimento societal mais proativo na vivência do concelho. A este propósito, não tem dúvidas em reconhecer que “o Externato contribuiu para projetar o concelho na senda do desenvolvimento, no enriquecimento cultural e na garantia da melhoria das condições de vida dos seus cidadãos”.

Lívia Silveira, sem hesitar, garante que sem a existência do Externato da Madalena, dificilmente prosseguiria estudos além do 1.º ciclo, dado que provém de uma família de agricultores, ambos com a 4.ª classe. Apesar dos seus progenitores terem reconhecido a importância do capital de conhe-



Postal de Natal

cimento além da 1.^a classe, nunca equacionaram a hipótese de Lúvia vir a abandonar a ilha em tenra idade, dado que comportava grandes custos na eventual deslocação. Afirma, conseqüentemente, que “o sonho de buscar novos horizontes só se concretizou, porque o Externato existia e ali pude estudar”. Coincidentemente, após terminar o 12.^o ano, com 19 anos, foi também “ali que passei a lecionar o que me possibilitou recursos, simultaneamente, concluir a minha licenciatura na Universidade dos Açores, sempre como aluna extraordinária”.

Elege a D. Cecília, como sendo uma das suas referências na sua vida, revelando que “se há professores que nos marcam e acompanham para sempre ao longo da vida, ela foi, sem dúvida, uma delas”. Reconhecendo, ao mesmo tempo, o seu nível de exigência que incutia nos alunos, trabalhadora, determinada são adjetivos que atribui e dos quais estão intrinsecamente associados.

Vinca que, D. Cecília, não ensinou somente Francês, ensinou-lhe “a gostar do ensino, a ver a escola como um espaço de convívio, de partilha de saberes mas também de luta e persistência”. Revela ainda que, era detentora de “um estilo de liderança autoritária, mas reunindo uma grande assertividade no diálogo e capacidade de abertura e de entendimento”.

Por outro lado, reconhece que foi com ela que teve os seus primeiros confrontos profissionais, “servindo de preparação para defender aquilo em que acredita, não desistir com facilidade, mas, sobretudo, a respeitar quem está do outro lado”. Considera que, “foi e continua a ser uma referência na sua vida, associada a uma grande admiração e a um profundo carinho”.

Retrospectivamente, identifica como principais limitações ou pontos fracos, o facto da “inexistência de ginásio para a prática de educação física, solucionada anos mais tarde com a construção do ginásio coberto e de campo exterior com asfalto”, realidade ocorrida a partir de setembro de 1977. A pouca abertura na interação com outros contextos educativos, havendo possivelmente, “uma visão redutora do processo de ensino-aprendizagem a partir de determinado momento no desenvolvimento da instituição, assim como a maioria dos docentes efetivos não terem habilitações efetivas para a docência, havendo algum declínio pedagógico e didático, descurando-se a formação contínua, com todas as consequências daí advindas”. E reforça, “o contacto ou intercâmbio com outros estabelecimentos de ensino da ilha ou da Região, não era frequente, nem estimulado. Neste aspeto, sempre permaneceram orgulhosamente sós e isolados uns dos outros”.

Na perspetiva da relação escola-família-comunidade, caracteriza como sendo “uma relação afastada entre os encarregados de educação, não deixando de reconhecer que a localização no centro do Concelho, proporcionava um bom envolvimento e interação com a comunidade local, onde os comerciantes estavam sempre disponíveis a colaborar quando solicitados, e sempre que possível, a escola vinha para a rua com espetáculos, desfiles de Carnaval ou outras atividades”.

Complementarmente à entrevista, Livia Silveira partilhou connosco o seu pensamento, o seu sentir e o seu vivenciar da obra – Externato da Madalena – e da sua oboeira – Cecília Amaral.

“Ao longo da história da humanidade muitas foram as figuras, anónimas ou não, que, graças ao seu contributo, condicionaram percursos de vida, abriram novos trilhos, desvendaram caminhos obscuros, fizeram “história”. Frequentemente o seu contributo foi reconhecido somente por alguns, talvez aqueles que tinham uma maior consciência dos factos ou uma sensibilidade mais exacerbada, outras vezes, talvez a maioria, foram simplesmente ignorados, pontualmente, viram o seu mérito reconhecido ainda em vida”.

Prossegue, afirmando que, “assim sendo e porque acredito que homenagear e reconhecer o mérito dos nossos semelhantes é o que faz de nós

seres racionais e nos distingue da “besta sadia cadáver adiado que procria”, gostaria de salientar o nome de uma açoriana, picarota de alma e coração, natural do Concelho da Madalena do Pico, que, pela sua essência e pela sua personalidade complexa, difícil de definir em palavras, se tornou num pilar fundamental para o desenvolvimento deste Concelho e para a formação de muitos jovens estudantes”.

Conhecida por Dona Cecília, Maria Cecília do Amaral integrou e encarnou a equipa que deu vida à instituição que viria a ser o tão denominado Externato da Madalena, tendo exercido, ao longo de todo o seu percurso, as funções de diretora assim como docente responsável, essencialmente, pela lecionação da disciplina de Francês, embora também tenha lecionado outras disciplinas.



Cecília Amaral em contexto de Sala de Aula

Reforça, revelando que, “com uma personalidade forte e dinâmica, mas sobretudo um espírito visionário, liderou uma pequena equipa de sonhadores ou mesmo crentes de que era “a hora da mudança”, acreditando que os jovens do Concelho mereciam mais e melhor. Destacou-se por ser uma diretora determinada, persistente, rígida e autoritária, por vezes, mas, acima de tudo, batalhadora, frontal e uma líder nata. Como docente, sempre se distinguiu pelo espírito inovador, polivalência, empenho e capacidade para motivar os seus alunos. Como colega, predominou a solidariedade, a capacidade de entreajuda, o positivismo e a simpatia”.

Complementa, citando Pessoa, “a obra nasceu porque o homem sonhou e essa “obra”, da qual eu faço parte, foi um futuro mais promissor, um horizonte mais alargado, um céu que se abriu numa imensidão de

promessas que, de outro modo, dificilmente se proporcionariam a todos os alunos do Externato da Madalena. O futuro fez-se pela mudança e a mudança fez os homens, mas foi o sonho de alguém que possibilitou esse futuro e essa mudança. O enriquecimento cultural levou ao enriquecimento social, à busca de novos desafios, a gerações melhor preparadas, capazes de cruzar oceanos por navegar para que os sonhos se concretizassem. O “inútil farol de noite” a que Nemésio se revia mudou porque agora tem uma luminosidade diferente que lhe irá revelar novos horizontes”.



Comemorações dos II Jogos da Fronteira (1992)

Concretiza, revelando que “D. Cecília é uma octogenária lúcida, relegada para segundo plano face à magnitude dos novos estabelecimentos de ensino da ilha, inconsciente da grandeza da obra que edificou. Urge que esse reconhecimento se concretize e que a mensagem que lhe está subjacente se transmita às novas gerações, porque ainda há “obras valerosas” que merecem ser glorificadas”.

Entrevista Livia Silveira (2024) (assistir [aqui](#))

Maria Humberta Rosa (1983-1994)

Lecionou as disciplinas de Físico-Química e Ciências Naturais, entre os anos 1983 e 1994.

Entende que sendo esta escola um estabelecimento privado, com a D. Cecília na liderança, “esta situação conferia-lhe autonomia total para a tomada de decisões, o que podia ser confundido com uma liderança autocrática”.

No período em que exerceu funções de docência no Externato da Madalena, Humberta Rosa, pôde constatar que “na realidade D. Cecília contratava o pessoal docente e não docente e a sua permanência na instituição dependia unicamente da sua vontade, mediante a análise do empenho dos mesmos e dos resultados obtidos. Era muito exigente com a assiduidade e pontualidade, dando o exemplo. Não há memória de chegar atrasada a uma aula, reunião ou outro evento do Externato”.

Na relação estabelecida entre escola-comunidade, reconhece que era “valorizado o trabalho de quem se empenhava na realização de tarefas extracurriculares, como a preparação das festas de Natal, Carnaval, Páscoa e encerramento do ano letivo”. Concretiza, “no Carnaval todas as turmas participavam no desfile, sob a orientação dos respetivos diretores de turma e muitas das fantasias, ou quase todas, eram confeccionadas nas aulas de Trabalhos Manuais e Oficinas, com a orientação dos respetivos professores, que depois ficavam muitas horas no Externato a terminar os fatos, para que tudo estivesse pronto no dia”.

Considera que havia um bom relacionamento do Externato com a comunidade educativa, dado que, sempre que necessário, havia a colaboração de todos nas atividades propostas. Na altura não era muito comum fazer-se a simulação de acidentes, nomeadamente incêndios ou sismos e assistiu a vários, com a colaboração da Câmara, do Centro de Saúde e dos Bombeiros Voluntários da Madalena.

Sem prejuízo do acompanhamento de toda a comunidade educativa, “preocupava-se com os resultados finais e elogiava os professores e alunos, no caso de serem bons ou então, no caso de não a satisfazerem, tentava perceber onde estaria o erro e as dificuldades”.

Na opinião de Humberta Rosa, “este hábito estava enraizado pelo facto de, antes de haver o Externato, a D. Cecília, conjuntamente com outras pessoas, prepararem os alunos para os exames no liceu da Horta e terem a preocupação essencial destes fazerem boa figura junto dos alunos do liceu da Horta”.



Representação artística de alunos

Acrescenta ainda, que a D. Cecília “era uma boa diretora, na medida em que era uma pessoa responsável e empenhada na resolução de todos os problemas que surgiam, nomeadamente a falta de fundos para pagar os ordenados ao pessoal docente e não docente. Tentava manter os professores motivados para o desempenho das suas funções e, como ninguém se sentia motivado para trabalhar sem receber ordenado, chegou a fazer pagamentos do seu bolso a algumas pessoas que estavam com mais dificuldades, durante períodos mais críticos. Por outro lado, tinha a noção de algumas limitações ao nível de instalações e não exigia nada para além do razoável”.

A gestão pedagógica tinha como objetivo garantir o sucesso dos alunos, logo isto requeria um planeamento prévio, por parte de quem estava à frente da instituição, no caso concreto a D. Cecília.

Considera que havia a preocupação em manter as instalações físicas em condições e em fazer melhoramentos, sempre que possível. “Investiu nesta área, aumentando o número de salas de aula, construindo o ginásio, posteriormente o campo de jogos e, mais tarde, a biblioteca”.

Ao nível de recrutamento de docentes, reconhece que era uma diligência muito difícil de planear e concretizar, dada a carência latente de

professores, sobretudo para as disciplinas de Ciências, Biologia e Físico-Química.

Para a divulgação de vagas de docentes, “eram colocados anúncios nos jornais da região Açores e do Continente, contactava pessoas conhecidas, no sentido de completar o quadro com o maior número de licenciados possível. Quando não o conseguia, então contratava professores detentores do secundário, cujo currículo era analisado pela própria. Na área de Saúde e Ciências lecionaram alguns profissionais de saúde, engenheiros e regentes agrícolas”.

Recorda ainda, “que o Externato tinha um leque de professores com idades muito variadas, desde 20 a mais de 70 anos de idade, o que é impensável nos dias de hoje, claro que estes limites de idade estavam em minoria. Independentemente da disciplina que lecionam, os docentes têm que gostar do que fazem, muito importante para um bom relacionamento com os alunos, ser criativos, comunicativos, etc. Alguns eram professores por vocação, outros porque tiveram oportunidade de experimentar e acabaram descobrindo uma vocação e outros porque foi o emprego que conseguiram na altura”.

Não obstante, a inexistência de formação científica-pedagógica da maioria do grupo de docentes, “havia um esforço de todos para transmitir os conhecimentos de base, cuidado na preparação das aulas e uma boa comunicação com os alunos, o que se traduzia nos resultados finais”. Acrescenta, “claro que, como em todo o ensino, nem tudo era perfeito e, por vezes, havia a intervenção da diretora, mais ao nível de indisciplina na sala de aula”.

Destaca ainda, que “havia um esforço notável, por parte dos docentes não licenciados, na criação de materiais e na preparação das aulas, de modo a motivar os alunos para que houvesse uma melhoria nos resultados. Apesar de haver responsabilidade profissional de todos, os docentes apenas com o secundário sentiam essa necessidade, porque carregavam o peso de poderem ser apelidados de “incompetentes”, se os alunos não correspondessem às expectativas”.

No que se refere à formação contínua de docentes, a oferta era reduzida e pontual, “mas quando havia a possibilidade de formação docente, D. Cecília era a primeira a incentivar a participação dos professores, mesmo que essa formação acontecesse fora da ilha”. No caso de Humberta Rosa, fez duas formações de Físico-Química, na ilha Terceira.

A relação estabelecida entre escola-família, refere que “eram feitas reuniões de pais, o que era muito importante para o acompanhamento do trabalho escolar, mas, infelizmente, eram pouco participadas. No fim do ano letivo eram analisados os resultados obtidos pelos alunos e feitos, conjuntamente com os docentes, os ajustes necessários para o ano letivo seguinte”.

No que era dado a observar, Humberta Rosa considera que houve uma boa gestão financeira, na medida em que o dinheiro era pouco. “Segundo as informações disponíveis, havia a preocupação em manter o funcionamento do Externato, sem comprometer a qualidade do ensino. Mas esta era uma área só da competência da diretora pelo que não é fácil exprimir uma opinião muito concreta sobre o assunto”.

Reforça que, o “Externato da Madalena evoluiu bastante e isso deveu-se ao empenho e muita luta da sua diretora. Mas, como em todas as épocas, o que acontece e o que deixa de acontecer tem muito a ver não só com as necessidades e as possibilidades, mas com as cores políticas de quem ocupa determinados cargos”.

No que se refere ao quadro de pessoal não docente, lembra que “era integrado por um conjunto de funcionários, na maioria mulheres e apenas um homem, com as funções de porteiro, todos contribuíam para uma boa organização do Externato. Não havia classificações profissionais como hoje, os recursos humanos eram geridos de modo a garantir o bom funcionamento da instituição, de segunda a sábado, distribuídos pela cantina, biblioteca, limpeza e apoio aos alunos, nos intervalos e na sala de aula, quando o professor faltava”.

“Os alunos eram oriundos, na sua maioria, das freguesias do concelho da Madalena, havendo também alguns do concelho de São Roque e das Lajes, mas em reduzido número. Havia alunos esforçados, menos esforçados, irrequietos, mais tímidos, cada um se destacava à sua maneira e segundo o seu comportamento. Pelo convívio diário com os alunos qualquer docente percebe as várias personalidades dos mesmos e aprende a lidar com cada um de forma diferente, atendendo às suas qualidades e defeitos”.

Humberta Rosa considera que uma coisa que aprendeu desde cedo, e que lhe foi útil até hoje, “foi começar por valorizar as qualidades dos alunos e só depois tentar corrigir os defeitos, desta forma a aceitação é maior e torna o processo de ensino mais fácil”.

Prossegue, destacando que “os alunos nesse tempo não eram muito diferentes dos de hoje. Havia umas turmas melhores do que outras, mas



Exposição de trabalhos - Ginásio

não eram uniformes, em termos de personalidades. Os alunos faziam as traquinices próprias da idade, mas sem ultrapassarem os limites aceitáveis e respeitavam o professor. Além disso, havia algum receio de que fosse feita queixa ao encarregado de educação, pelo diretor de turma”.

No início da atividade, Humberta Rosa, teve alunos da sua idade, dois mais velhos, outros com pouca diferença de idade e nunca teve problemas de indisciplina que não fossem resolvidos dentro da sala de aula.

O sistema educativo na época tinha algumas semelhanças com o atual, no que respeita à duração do ano letivo, que tinha início em outubro, terminando em junho para os alunos e julho para os professores.

O ensino também estava dividido por ciclos. No caso do Externato, os alunos do 3º ciclo tinham aulas de manhã, de segunda a sábado, entre as 8h00 e as 13h00 horas. O 2º ciclo e secundário tinham aulas à tarde, entre as 13h00 e as 19h00 horas, de segunda a sexta-feira.

O horário letivo completo era de 32 horas semanais, 30 letivas e duas de direção de turma. Como havia professores que acumulavam as aulas com a sua profissão principal, estes tinham horário mais reduzido.

Apesar desta carga horária, Humberta Rosa considera que “os professores estavam mais motivados, porque estes tempos atribuídos eram para exercer a sua atividade, mais precisamente lecionar, enquanto hoje os professores passam mais tempo a preencher papéis, tabelas, etc. do que a ensinar”.

Em relação aos alunos, comparativamente com os de hoje, “não tinham telemóvel, computador, quadro interativo, nem sequer uma cantina, mas eram mais disciplinados e mais educados com os professores e funcionários auxiliares. Hoje, apesar de muito melhores condições, os alunos nunca estão satisfeitos, não respeitam os professores, a quem foi retirada toda a autoridade, e só reconhecem os seus direitos, os deveres ficam por conta do professor. Este pensamento é comum aos pais. Se o aluno é bom é porque se esforça muito, se chumba é porque os professores são incompetentes e não o sabem ensinar, nem motivar”.

Se não tivesse existido o Externato da Madalena a maioria dos jovens do concelho não tinha estudado, uma vez que eram poucos os pais que conseguiam suportar as despesas de ter um filho a estudar fora da ilha. Aliás, um dos motivos porque D. Cecília se empenhou neste projeto foi o facto de ter ido estudar fora da ilha e as amigas não o terem conseguido, apesar das suas capacidades para prosseguirem estudos.



Turma reunida – Sala 1

O Externato da Madalena foi determinante para Humberta Rosa, na medida em que nunca pensou lecionar, mas sim tirar um curso ligado à área da saúde, o que acabou por não acontecer. O facto de ter ido lecionar para o Externato despertou-lhe o gosto pelo ensino, pelo relacionamento com os alunos, acabando mais tarde por concluir uma licenciatura em Biologia e Geologia (via ensino), depois de ter lecionado onze anos no Externato. Para esta circunstância muito contribuiu a professora Cecília Amaral, que a incentivou a concluir o curso, já que sempre considerou um grande erro ter interrompido os estudos.

O Externato da Madalena, na opinião de Humberta Rosa, teve aspetos inovadores, atendendo à época. Tendo estudado inicialmente no Externato de São Roque, este não possuía edifício próprio, os alunos eram distribuídos por vários locais, sem nenhuma condições, não havia casas de banho, bar, ginásio, entre outras valências. Os alunos estavam agradecidos porque tinham professores e a possibilidade de estudar. Não havia festas de Natal, Carnaval ou final do ano letivo.

“O Externato da Madalena, de forma diferente, incentivava os professores e alunos a participarem neste tipo de convívios. Ao nível do pessoal não docente já tinha colaboradores na secretaria, no bar (embora pequeno), que mais tarde, além de géneros alimentares mais simples, passou a servir sopa, auxiliares suficientes para a limpeza das instalações e três funcionárias para tomar conta dos alunos nos intervalos e quando faltava algum professor, os chamados “furos”.

“Faziam-se exposições de trabalhos manuais e oficinais no ginásio, que eram visitadas por pais, encarregados de educação e restante comunidade.

Havia vestígios de material de laboratório, quer para a disciplina de Ciências, quer para Físico-Química, o que não existia em muitas escolas, mas que não foi cuidado devidamente e acabou por se degradar”.

Na perspetiva de Humberta Rosa, “havia um ambiente bastante saudável entre os alunos e todas as pessoas que colaboraram no Externato da Madalena”. No seu caso particular e atendendo às disciplinas que lecionou, a maior dificuldade era a falta de um laboratório. “Mesmo assim D. Cecília concordou que se se fizesse um mini laboratório, com material que já existia e outro improvisado, de modo a que se realizassem algumas experiências, o que desperta sempre o interesse dos alunos. Este trabalho foi realizado com a colaboração dos alunos e do professor de Trabalhos Manuais e Oficinais, o senhor Rúben Cordeiro”.



Exposição de trabalhos - Ginásio

A terminar, considera que a “professora Cecília Amaral contribuiu muito para o desenvolvimento do seu Concelho com a construção do edifício do



Entrevista de Álvaro de Lemos e Rosa Margarida (RDP-Açores) a Cecília Amaral

Externato, possibilitando que professores e alunos ficassem concentrados num único local, com condições mais dignas, tendo em consideração a época. Anteriormente as *aulas* já existiam, mas distribuídas pela vila da Madalena, em várias casas particulares, incluindo a da própria.

Foi valorizada por uns, criticada por outros, mas faz parte da vida de quem faz alguma coisa pela comunidade e isso nunca foi uma preocupação, até considera que foi motivo para fazer mais e melhor”.

Maria Manuela Moniz do Amaral Martins da Silveira (1976-1991)

Lecionou Português; História; Educação Moral e Religião Católica; Trabalhos Manuais e Oficiais, entre 1976 e 1991.

Foi aluna do Externato da Madalena tendo, posteriormente, iniciado funções docentes nesta instituição, no ano letivo 1976/77, cessando funções em 1991.

Durante este período lecionou Português ao 5º e 6º anos, História de Portugal ao 6º ano, Religião ao 6º ano, Trabalhos Manuais ao 5º e 6º anos e Trabalhos Oficiais femininos aos 7º e 8º anos.



Exposição de trabalhos - Ginásio

Considerou “boa” a liderança de Cecília Amaral, sempre disponível para ajudar os professores, em caso de necessidade. Tentando “fazer o melhor, com os recursos que tinha na época”.

O pessoal docente era “amigo e companheiro”, tal como o pessoal não docente que se caracterizava por “boas colaboradoras e amigas”.

Relativamente aos discentes “havia bons e maus alunos, mas havia respeito pelos docentes e não docentes”.

O sistema educativo instituído na época era diferente do atual e o Externato da Madalena “foi uma forma de muitas pessoas poderem estudar”. Do ponto de vista profissional permitiu que Maria Manuela Silveira, não ficasse desempregada, pela oferta de emprego de Cecília Amaral, “sendo que do ponto de vista pessoal estabeleceu boas amizades”.

Considera que “o Externato da Madalena foi inovador, na medida em que proporcionou que a juventude da época pudesse tirar o 9º ano de escolaridade”.



Turma em contexto de Sala de Aula

A maior dificuldade enfrentada ficou a dever-se ao facto de “ser professora do primeiro ciclo e ter de dar aulas ao segundo ciclo no Externato da Madalena, mas com a ajuda dos colegas tudo foi ultrapassado”.

O ambiente na instituição, na sua época, era bom e, inclusive, lembra-se de haver intercâmbios com a escola de São Roque do Pico.

Considera que Cecília Amaral, “era uma professora preocupada com os seus alunos, exigente, trabalhadora e resiliente. Era uma pessoa de iniciativas e justa no seu dia a dia”.

Eugénia Amaral (1983-1996)

Lecionou Inglês e História, entre 1983 e 1996.

Iniciou funções de docente no Externato da Madalena, no ano de 1983, e terminou no ano de 1996. Não sendo natural do Concelho da Madalena, ingressou no Externato onde exerceu com rigor e empenho as funções docentes.

Para além de docente, nas disciplinas de Inglês e História, exerceu as funções de diretora de turma, responsável por projetos educativos extracurriculares e educação de adultos.

Considera que a “D. Cecília Amaral exerceu uma liderança autocrática promovida em prol da qualidade do ensino”.

Ao nível da gestão pedagógica desenvolveu “uma ação promotora da integração de todos os setores”.

Na gestão administrativo-financeira evidenciou “liderança e gestão estratégica em prol dos objetivos traçados”.

Ao nível da cultura organizacional contextualizada com o quadro político social em vigor, desenvolveu uma “cultura organizacional em consonância com o quadro político social vigente”.

Relativamente ao perfil do pessoal docente considerou que “independentemente da formação, os professores amavam a profissão, exerciam-na com rigor, equilíbrio emocional e empatia”. Caracterizou o pessoal não docente realçando a “facilidade de relacionamento, competência e rigor no desempenho das suas funções”.

Relativamente ao perfil dos alunos considera “que cada ser humano possui formas adequadas de agir e de se comportar diante das situações. Contudo os discentes, na generalidade, eram empenhados e responsáveis”.



Turma em contexto de Sala de Aula

Relativamente à obra da professora Cecília Amaral acrescentou ainda que “além da formação inicial enquanto professora trabalhou como explicadora e, sendo necessário responder às solicitações, trabalhou com outros professores na luta contra o abandono escolar, preparando os alunos para prosseguirem estudos”.



Exposição de trabalhos do 7º ano Unificado - Ginásio

Em 1971, respondeu a essas necessidades com a criação de um espaço próprio para o ensino, o Externato da Madalena, que se manteve em funcionamento até 1996.

5.2. Professores

Os professores do 2.º ciclo e do ensino secundário desempenharam um papel nobre e crucial no Externato da Madalena nas três décadas do seu funcionamento. Relewa-se a sua importância comprometida na valorização dos fatores educativos, socioeconómicos e culturais, que moldaram o desenvolvimento e a consolidação do tecido social madalenense, num contexto de pós-autonomia na Região Autónoma dos Açores.

Territórios ultraperiféricos, como a ilha do Pico, enfrentavam constrangimentos significativos devido ao seu isolamento geográfico, coexistindo assimetrias socioeducativas, onde o núcleo de professores consistiram em agentes fundamentais para garantir o acesso ao ensino, promovendo novas emancipações e oportunidades que outrora eram restritas.

Encontrando-se a região num processo de maturação, a educação tornou-se num pilar essencial conducente à modernização e geradora do desenvolvimento local, onde os professores foram figuras-maiores na transmissão do conhecimento e na formação de princípios e valores basilares.

Os professores além de contribuírem para a redução das taxas de analfabetismo que muito assolavam a ilha do Pico e populações açorianas, foram instrutores de novas aprendizagens das primeiras gerações detentoras do ensino secundário, processo esse essencial para a prossecução futura para o ensino superior e para o desempenho de futuras carreiras profissionais na áreas da administração pública, saúde, serviços e comércio, entre outras, rompendo teimosos ciclos de pobreza a que estavam condenadas as populações nativas. Assim como, fomentando novos ciclos de mobilidade social e a sua conseqüente fixação telúrica a territórios insulares, facilitando desse modo a melhor integração junto das comunidades locais.



Jogos da Fronteira – Porto Velho da Madalena

Muitos destes, confrontados que estavam com desafiantes privações científico-pedagógicas, escassez de recursos e défices de materiais didáticos, redundando em muitos casos, na mera utilização de giz e quadro, coabitando em infraestruturas precárias ou desadequadas, e nalguns casos albergando sobrelotadas turmas de alunos.

Estes agentes educativos não apenas contribuíram para a maior e melhor qualificação das gerações seguintes, assim como para o fortalecimento da autonomia regional, consolidação de uma identidade madalenense mais livre, coesa, autodeterminada e mais preparada para vencer os novos ou velhos desafios contemporâneos da açorianidade.



Atividade da comunidade educativa no Campo de Jogos

Neste registo, presta-se tributo a todos os professores (com ou sem habilitação de docência) que emprestaram o melhor de si ao projeto-âncora – Externato da Madalena – o qual se apresenta abaixo em correspondência com as disciplinas lecionadas. Sendo este, porventura, um exercício comprometedor, dada a ausência de fontes de informação que inventariassem com exatidão todos aqueles que desempenharam funções nesta escola e suas correspondentes disciplinas lecionadas.

5.2.1. Reporte de professores

| Nome dos professores | Disciplina(s) lecionada(s) |
|-----------------------------|--|
| Alexandra Flores | Português |
| Alfredo Faria | Educação Visual e Desenho |
| Alfredo Ferreira | Educação Física |
| Álvaro Manito | Saúde |
| Aldora Marcos | Educação Visual e Trabalhos Manuais |
| Ana Cristina Silva | Educação Visual e Trabalhos Manuais |
| Ana Luísa Lopes | Matemática |
| Ana Margarida Pessanha | Educação Física |
| Ana Paula Castro | Inglês, Biologia e Ciências Naturais |
| Ana Santos | Educação Física |
| Ângela Almeida | Português |
| António André | Estudos Sociais, História e Trabalhos Oficiais |
| António Carlos Maciel | Educação Física |
| António Costa | Educação Visual |
| António Medeiros | Matemática |
| Aurora Chaleira | Matemática, Noções de Administração Pública, e Contabilidade |
| Bernice Goulart | Matemática e Geografia |
| Carla Antunes | Música |
| Carlos Fagundes | História |
| Carlos Ferreira | Educação Física e Ciências Naturais |
| Carlos Moniz | Música e Francês |
| Cláudio Lopes | Ciências Naturais |
| Conceição Fraga | Inglês |

| | |
|---------------------------|---|
| Cristina Teixeira | Sociologia e Economia |
| Emílio Ferreira | Matemática |
| Ercília Pereira | Inglês e Trabalhos Manuais |
| Esmeralda Cardoso | Português |
| Etelvino | Matemática e Trabalhos Manuais |
| Eugénia Amaral | Inglês e História |
| Eugénia Costa | Inglês |
| Evelina Alvernaz | Matemática e Biologia |
| Fátima Martins | Saúde |
| Fernando Rosa | Matemática |
| Florêncio Moniz | Inglês |
| Floriberto Ferreira | Música |
| Francisco Pereira de Melo | Música |
| Francisco Ribeiro Leite | Noções de Administração Pública |
| Gilberto Goulart | Biologia, Físico-Química e Geografia |
| Gracinda André | Matemática e Trabalhos Manuais |
| Hélder Fernandes | Ciências da Natureza, Agropecuária e Biologia |
| Hélder Neves | Matemática |
| Hélder Silveira | Francês |
| Henrique Paulos | Ciências Naturais e Biologia |
| Humberta Rosa | Físico-Química e Ciências Naturais |
| Idalina Granada | História |
| Irmã Noémia | Educação Moral e Religião Católica |
| Isabel Barra | Português |
| Isabel Manito | Trabalhos Manuais e Trabalhos Oficiais |

| | |
|--------------------------|--|
| Isabel Simas | História |
| Jaime Costa | Inglês |
| Joaquim Sabino Luís | Matemática |
| João José Fernandes | Ciências Naturais e Matemática |
| Jorge Emílio | Matemática |
| Jorge Laranjo | Educação Física |
| José Ferreira | Matemática e Físico-Química |
| José Manuel Caldeira | Português |
| José Narciso | Matemática, Físico-Química e Ciências Naturais |
| Luís Costa | História |
| Luís Pereira da Rosa | História |
| Luís Rodrigues | Matemática |
| Luís Santos | História |
| Luís Serrano | Ciências Naturais |
| Luís Sobral | História |
| Luzia Lima | Matemática |
| Lina Cardoso | Português |
| Lívia Silveira | Português, Estudos Sociais e História |
| Luísa Terra | Ciências Naturais |
| Madalena Amaral | Português |
| Madalena Soares | Música |
| Manuel Alexandre Madruga | Educação Visual e Desenho |
| Manuel Alvernaz | Trabalhos Manuais |
| Manuel Cristiano | Geografia |
| Manuel Alberto Laranjo | Ciências Naturais |

| | |
|---------------------------|---|
| Manuel Serpa | Português, Educação Física, Noções de Administração Pública e Relações Públicas |
| Manuel Tomás Costa | Português e Iniciação ao Jornalismo |
| Margarida Medeiros | Matemática e Ciências Sociais |
| Maria do Carmo Bronze | Sociologia, História, Direito e Noções da Administração Pública |
| Maria do Céu Batista | Trabalhos Manuais |
| Maria do Rosário Rocha | História |
| Maria João Garcia | Português |
| Maria Júlia Medeiros | Matemática |
| Maria Lurdes Silva | Francês |
| Maria Manuela Silveira | Português, História, Educação Moral e Religião Católica, Trabalhos Manuais e Trabalhos Oficiniais |
| Marla Castro | Inglês |
| Mário Silva | Educação Física e Educação Visual |
| Nogueira de Castro | Biologia |
| Noémia Pereira Almeida | Inglês |
| Pe. Carlos Miranda Cabral | Inglês e Educação Moral e Religião Católica |
| Pe. José Carlos Simplício | História e Educação Moral e Religião Católica |
| Pe. José Correia | História |
| Pe. José Paulo | Educação Moral e Religião Católica |
| Pe. José Idalmiro | Português |
| Pe. Pedro Lima Mendonça | Português e Francês |
| Pe. Raimundo Bulcão | Português, Latim e Educação Moral e Religião Católica |
| Paulo Sousa | Matemática |
| Paula Castro | Inglês |

| | |
|----------------------------|---------------------------------------|
| Paula Marcos Lemos | Português |
| Paula Marcos | Música e Inglês |
| Paula Silvestre | Português |
| Raúl Jorge | Ciências Naturais |
| Raúl Vilas | Geografia, História |
| Regina Ervideira | Físico-Química |
| Ricardo Dias | Ciências Naturais |
| Rita Santos | Educação Visual, Desenho e Matemática |
| Rúben Bettencourt Cordeiro | Educação Visual e Desenho |
| Rui de Jesus | Matemática |
| Rui Maciel | Contabilidade |
| Rui Rosa | Matemática |
| Roberto Franklin | Educação Física e Trabalhos Oficiais |
| Sandra Rosa | Educação Física |
| Sónia Silvestre | História |
| Teresa Goulart | Inglês |
| Teresa Ribeiro | Filosofia |
| Viana Oliveira | Ciências Naturais |
| Vítor Pereira | Matemática |
| Zulmira Reis | Geografia |

5.3. Antigas colaboradoras entrevistadas

Cecília Correia (1984–1996)

O grupo de não docentes sendo um esteio no apoio organizativo e na gestão socioeducativo nos estabelecimentos de ensino, consagra a pertinência de envolver, nesta obra, a narrativa das memórias de antigos colaboradores.

É neste contexto que importa envolver o testemunho de Cecília Correia, pelo seu longo trajeto profissional, dedicado ao Externato da Madalena, primeiramente na categoria de secretária, prosseguindo depois enquanto chefe de secretaria, cargo este desempenhado na larga maioria do tempo de serviço.

Antes do início das funções atribuídas, recorda a experiência enquanto aluna, que culminou com o período, antes e depois do Estado Novo, onde pôde vivenciar significativas mudanças físicas (expansão do número de salas e valências de apoio), humanas (expansão da comunidade educativa) e curriculares (reformas do sistema educativo).

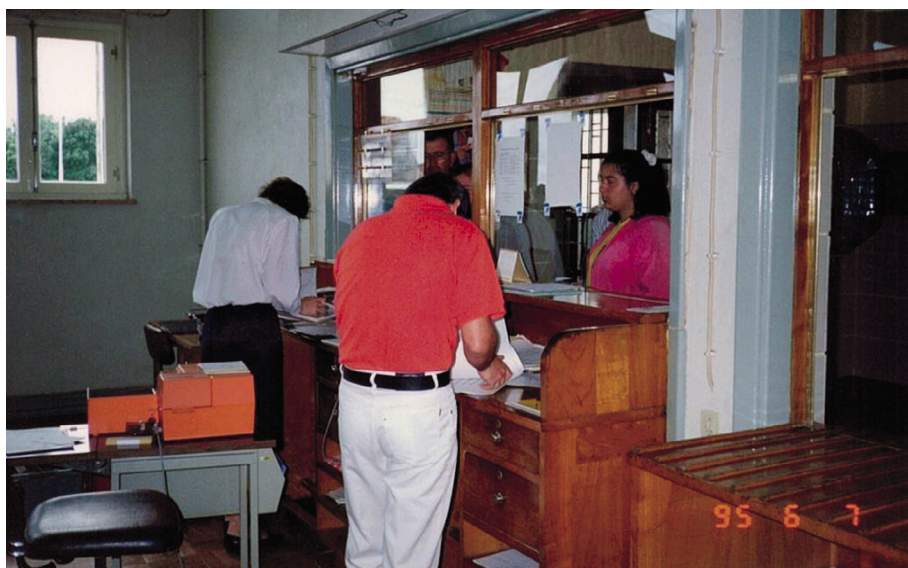
Na relação estreita vinculada com a D. Cecília Amaral, perfila como sendo uma “pessoa exigente consigo e com outros que a rodeavam, organizada nos vários papéis assumidos dentro e fora da escola, convicta e determinada na tomada de posições, e detentora de uma vitalidade invejável”.

O período de permanência, antes e depois de assumir a gestão administrativa e financeira da escola, permite-lhe caracterizar o funcionamento e as dinâmicas empreendidas pela comunidade educativa acolhida, como sendo “um ambiente familiar, com uma boa comunicação entre todos, podendo ver-se a boa vontade de cada um (professores e auxiliares) em querer fazer sempre melhor ao que havia no passado. Não havia aquela distinção entre professor e os outros trabalhadores”.

O seu longo trajeto no Externato da Madalena movido por vários papéis, quer no ciclo de vida estudantil, quer no ciclo de vida profissional, permite-lhe conferir que esta instituição de referência “deixou marcas a quem por lá passou, houve uma evolução muito grande, com algumas controvérsias na altura da sua instalação, sobretudo logo a seguir ao 25 de abril de 1974”. Prossegue vincando as novas oportunidades de acesso universal à educação, acompanhados de ganhos de escolaridade alcançados na comunidade madalenense, “houve uma transformação muito grande no Concelho ao nível do ensino, antes havia muitos jovens sem estudos e, com o Externato passou a haver muita gente formada, se não fosse o Externato continuava a haver taxas de analfabetismo muito grande”. Incontornavelmente, revela orgulhosamente o seu contexto socioeducativo, “eu inclusivamente para conseguir estudar, prometi a meus pais que ia trabalhar para a Cofaco (fábrica de transformação de pescado) para ajudar a pagar os transportes, pagávamos 150 escudos, não tínhamos ainda transportes gratuitos, trabalhava todos os verões para ganhar o dinheiro para ajudar meus pais”.

No seu percurso profissional tornou-se inevitável o confronto com a falta de meios e recursos para um proficiente desempenho de gestão administrativo-financeira, só possível de ser contornada com uma peculiar resiliência insular, “mesmo sem condições faziam-se autênticas maravilhas e com a boa vontade de todos, o espírito de equipa fazia-se ultrapassar as dificuldades procurando fazer-se melhor no dia seguinte ao dia anterior”. Lembra ainda que, quando entrou como secretária tudo era muito estranho, mas depois adaptou-se gradualmente às suas novas funções e responsabilidades, “quando entrei na secretaria em 1985, o único recurso disponível, era uma máquina de escrever e, quando terminei funções, em 1996, tinha um computador, uma fotocopiadora, fax...eram estas as novas tecnologias”.

Este registo permite revelar o contexto transitório das tecnologias da informação e da comunicação estabelecidas e mediadas, entre o analógico e o digital, em que se encontravam as organizações e comunidades, nos anos 80 e 90 do século passado, revelando-se, por isso, uma apropriação insignificante no domínio dos artefactos digitais, dada a sua desintegração na sociedade em rede, devido à inexistência ou escassez da oferta das novas tecnologias. Tornando todo o *modus operandi* dominado pelo analógico, com recurso ou suporte em papel, conforme evidencia Cecília Correia, “todos os atos e procedimentos administrativos (matrículas, avaliações dos



Secretaria do Externato da Madalena (1995)

alunos, etc.), financeiros (processamento de vencimentos, faturas, etc.), tudo era feito manualmente. Nunca senti a necessidade de digitalização dos procedimentos, porque simplesmente não havia e não conhecíamos”.

Estes atos ou procedimentos comportavam em alguns períodos do mês, maior fluxo de expediente, colmatados com horas suplementares não remuneradas, conforme refere, “havia sobrecarga nalguns períodos da vida escolar que eram ultrapassadas com mais horas de serviço, não havendo lugar a horas extraordinárias pagas, mas conseguíamos fazer tudo de maneira a termos o melhor funcionamento interno da escola”. A este propósito concretiza, “fazíamos registos, tudo em duplicado, 5.º e 6.º ano tínhamos de enviar os registos para a escola de São Roque, 7.º, 8.º e 9.º, 10.º e 11.º, para o liceu da Horta. Para fornecer certificados tínhamos que pedir também a estas escolas”.

A duplicação verificada de registos ou certificados biográficos da comunidade educativa, deriva do facto do Externato da Madalena, não estar integrada na rede escolar oficial da Região Autónoma dos Açores, desconhecendo-se os pressupostos normativos a serem estabelecidos para o reconhecimento do Externato da Madalena, enquanto estabelecimento de ensino oficial regional. Este aspeto limitava a coexistência de todas competências, em equiparação com as disposições gerais de que se revestiam os estabelecimentos de ensino oficiais, levando à interdependência do Externato da Madalena com as escolas de São Roque e Horta, sobretudo, no que se refere à homologação de avaliações e autonomia na emissão de certidões de habilitações académicas, que na prática “fez com que o Externato da Madalena tivesse uma relação muito estreita com estas duas escolas, com maior articulação com a Horta, devido ao maior número de anos e ciclos que acompanhavam, mas sendo prestado todo o apoio necessário”.

Pese embora as limitações de autonomia plena na gestão e administração escolar a que se encontrava sujeita o Externato da Madalena, a tramitação e atualização do processo educativo, não deixou de ser implementado, decorrente das várias reformas educativas introduzidas e de diretrizes emanadas pela tutela educativa regional, “não deixando o Externato de acompanhar as mudanças necessárias, como existia noutras escolas da Região, onde foram-se abrindo novas disciplinas, áreas, agrupamentos, etc.”

A interação com as outras escolas, ao nível de intercâmbios escolares vieram a ocorrer tardiamente, vindo a “existir no final dos anos 90, quando começou a haver mais transportes e, muito devido aos Jogos Desportivos Escolares”.

A antiga colaboradora destaca ainda o impulso socioeconómico gerado em torno deste estabelecimento de ensino, salientado que “promoveu um desenvolvimento social, cultural, educativo, porque o facto de haver Externato passou a haver mais escolaridade e formação, fez crescer a economia, porque passou a haver professores externos do Continente que tinham de alugar casas, tiveram que consumir do comércio tradicional da Madalena e tudo isso ajudou o próprio Concelho a crescer”.



Exposição de trabalhos do 7º e 8º - Ginásio

A autonomia parcialmente conferida ao Externato da Madalena, que comportou distintas dimensões nos domínios organizacionais e pedagógicos, não fez diminuir o cumprimento da missão basilar de uma escola, que redonda em última instância em – ensinar -, nem impediu o cumprimento das metas curriculares pré-estabelecidas e vigentes, mesmo que em condições de infraestruturas exíguas para fazer face ao gradual crescimento do grupo discente.

Constata-se que, as décadas percorridas pelo Externato da Madalena, foi palco de inúmeras disrupções, de índole variada, sem que tal viesse a constituir perturbação no ambiente educativo ou a condicionar as boas relações sociais entre os seus agentes integrantes.

Alice Cordeiro (1985 – 1996)

Alice Cordeiro foi auxiliar no Externato de Ensino Liceal Particular da Madalena entre 1985 e 1996. Hoje já está reformada, mas recorda, que a professora Cecília Amaral “exercia uma liderança de forma solitária, sem espaço para outras opiniões. O Padre Correia era o diretor pedagógico, e o Padre Raimundo substituiu a D. Cecília quando esta sofreu um acidente de bicicleta”. Quanto à sua capacidade de direção escolar, a professora era descrita como alguém com “pulso de ferro” na gestão do pessoal, embora também demonstrasse grande humanidade nas questões pessoais de cada funcionário, oferecendo apoio sempre que necessário.

Referiu ainda que a evolução do Externato da Madalena acompanhou as transformações sociais e políticas do pós 25 de Abril, refletindo as mudanças que ocorreram na sociedade em geral.

Alice Cordeiro afirma que, em relação ao pessoal docente, “havia uma boa comunicação entre os professores, os auxiliares e todos os envolvidos, incluindo os padres”. Quanto ao pessoal não docente, destacou que, “por ser uma escola pequena, as relações humanas eram mais estreitas”. Em relação ao perfil discente, descreve que “os alunos daquela época deixaram saudades, e gostava do que fazia, fazendo-o com prazer”.

No seu entendimento, os principais impactos socioeducativos da implementação e desenvolvimento do Externato da Madalena foram significativos para a comunidade local. “As pessoas que não tinham recursos para estudar fora conseguiam, através do Externato, obter formação e cursos, o que lhes possibilitava seguir para outras áreas de estudo. A partir do 10º ano, dependendo da área de estudo, os alunos poderiam continuar em outras escolas, especialmente em São Roque. Embora o Externato não tivesse muitas condições para reuniões ou aulas, o ensino oferecido foi fundamental para ajudar a população da Madalena, já que muitos não podiam sequer ir até São Roque”. Com o tempo, à medida que as pessoas começaram a melhorar sua condição financeira, passou a ser possível enviar os seus filhos para outras instituições de ensino mais próximas.

Afirmou ainda que o Externato da Madalena foi determinante no seu percurso de vida, tanto pessoal quanto profissional. Explicou que, “no Externato, teve a oportunidade de conhecer pessoas diferentes e vivenciar uma maior abertura”. Destacou que aprendeu muito, especialmente no que diz respeito ao trato com as pessoas. Diz que foi importante ter seguido esta

profissão, pois sempre gostou do que fazia. Lembrou que, quando alguém chorava dizendo que tinha caído ou se tinha ferido, “qualquer pomada servia para curar”, o que ela descreveu como sendo o efeito placebo.

No que concerne aos aspetos inovadores desta escola, considera que ao existir melhoria de salas e materiais ao longo do tempo, já era por si inovador, mas acreditava que, para quem vinha de fora, de outras escolas, as ideias poderiam ser diferentes.



Preparativos dos Jogos da Fronteira

Alice Cordeiro, caracteriza o ambiente vivenciado no Externato como sendo bom, embora com aspetos positivos e negativos. Concretiza, destacando “que não havia espaços adequados, e que as aulas de Educação Física eram realizadas na rua e no pavilhão, tendo as auxiliares de realizar a limpeza com as crianças presentes”. Continua rebuscando a sua memória de longo prazo, lembrando que “não existiam balneários, e havia uma grande falta de condições sanitárias, além de dificuldades até para dar as aulas. Os materiais audiovisuais eram guardados na biblioteca e depois transportados pelas auxiliares para as salas que precisavam”. Relata ao mesmo tempo, “que o trabalho era difícil e pesado, com a limpeza das

salas sendo feita de joelhos no chão e a aplicação de cera exigindo grande esforço físico”.

Em retrospectiva reconfortante, vinha “que quase todos os professores eram muito amigos e muito bons”.

Quanto à memória de episódios mais marcantes, referiu não existirem grandes repertórios, dada as constantes brincadeiras mantidas entre professores mais jovens e alunos mais velhos. No entanto, as mais extravagantes foram recordadas, “quando por várias vezes foi atirada para a piscina com a roupa vestida, e apesar de ficar toda molhada, eram brincadeiras das quais gostava pela circunstância da boa relação mantida entre todos”.

Descreve o relacionamento do Externato da Madalena com a sua comunidade educativa, mencionando “que alguns pais se mostravam interessados em saber se os filhos se portavam bem na escola”. No entanto, ela mesma nunca conversava com eles, pois não via motivos relevantes para comunicar.



Exposição de trabalhos de Educação Visual - Ginásio

Por outro lado, as festas na escola eram descritas como muito animadas, “incluindo o Carnaval, o final do ano e o Natal, todas sempre com grande animação”. “Quando havia aniversários, celebravam na cantina, fazendo um petisco, e a D. Cecília trazia sempre a sua garrafinha de vinho, a D. Cecília era, por natureza, uma pessoa alegre”. No entanto, “era também bastante conservadora e não aprovava que rapazes e raparigas se beijassem”, algo que ela realmente abominava.

A terminar Alice Cordeiro afirmou ainda “que não sentia que houvesse um relacionamento do Externato da Madalena com os outros estabelecimentos”.

5.4. Colaboradores

Os profissionais não docentes foram no passado e são atualmente agentes-chave do sistema educativo açoriano. A sua dedicação plena, em muitos casos, de vida profissional exclusiva e única, desempenhadas em condições desafiadoras, permitiu que as escolas fossem mais do que espaços de aprendizagem formal, tornando-se em locais de empático amparo, de socialização, de inclusão e de mitigação de cuidados básicos tão elementares, desde o apoio na alimentação à vinculação afetiva, tantas vezes reforçada pelas mãos dadas carinhosamente pelas suas “auxiliares”.

Este grupo de profissionais estava diretamente envolvido na supervisão de espaços comuns, garantindo a segurança e bem-estar dos alunos (se e quando possível) em áreas adjacentes, tais como, corredores e recreios do Externato da Madalena, e biblioteca (em funcionamento nos anos 90).



Exposição de trabalhos do 6º ano - Ginásio

Em contexto insulares, onde os recursos eram mais finitos e redutores, os auxiliares assumiram preponderância ao conferirem a melhor integridade física e afetiva dos alunos e ao zelarem pelos recursos existentes e manutenção de equipamentos e infraestruturas.

Salvo melhores registos ou memórias, aqui se presta homenagem aos profissionais não docentes (5.4.1.), que se dedicaram abnegadamente ao Externato da Madalena, mantendo “portas abertas” durante os seus anos de funcionamento, constituindo estes imprescindíveis recursos humanos no enlace perpetuado com a comunidade educativa.

5.4.1. Reporte de colaboradores

- Alice Cordeiro
- Ana Martins
- Bernardete Martins
- Conceição Pereira
- Diana Ribeiro
- Elsa Melo
- Eva Rodrigues
- Filomena Costa
- Genuína Machado
- Jandira Cordeiro
- Júlio Serpa
- Manuel Rodrigues Luís
- Maria Cecília Correia
- Maria das Dores Rodrigues
- Maria Carmo Alves
- Maria Fátima Serpa
- Maria Helena Marcos
- Maria José Simas



Jogos da Fronteira – Porto Velho da Madalena

5.5. Antigos alunos entrevistados

Paulo Luís Marcos Teixeira (1989-1996)

Paulo Teixeira, na qualidade de antigo aluno e ex-Presidente da Associação de Estudantes do Externato da Madalena, recorda a professora Cecília Amaral, não enquanto docente, mas antes como diretora do Externato da Madalena, no decurso da interação estabelecida em sede de reuniões pedagógicas mantidas, na qual a Associação de Estudantes tornou-se membro efetivo nos anos 90.

Destaca o perfil da D. Cecília, como sendo democrática, onde procurava estabelecer no processo de decisão a auscultação dos membros efetivos, procurando consensualizar a convergência de pontos, face à resolução de problemas ou desafios colocados, não deixando, contudo, “de fazer valer a sua razão, sempre que verificasse a dispersão de opiniões”. Acrescenta ainda, que era “uma mulher determinada, uma profissional dedicada e com visão que a história dos madalenenses registarão para todo o sempre”.

No que se refere ao projeto educativo local, atribui à fundadora e diretora D. Cecília, uma gestão escolar equilibrada, revelando-se incansável na procura de soluções para criar “as condições indispensáveis para a concretização da formação pessoal, escolar e profissional dos alunos e professores”.



Biblioteca do Externato da Madalena

Não obstante, Paulo Teixeira, identifica dois aspetos antagónicos na gestão pedagógica, no decurso da sua experiência académica no Externato.

O aspeto positivo e mais relevante, é atribuído aos traços de coragem e perseverança da D. Cecília, em assumir a educação como esteio do desenvolvimento humano e comunitário, em contextos históricos adversos, com poucos recursos de financiamento, sendo determinada em fomentar a profissionalização do quadro docente condizentes com o contínuo nível

de exigência que se impunha. Ao mesmo tempo, o Externato, apoiou e incentivou o espírito associativo, através da criação de duas Associações (de pais e estudantes), prestando-lhes o apoio e meios necessários para o normal funcionamento das suas atividades.

Em sentido contrário, aponta como aspeto negativo, “a não previsão ou inexistência do alargamento de áreas científicas (A, B, C e D), no que se refere ao ensino secundário, ocorrendo opções muito restritas (humanidades), limitando assim, as opções de escolha dos alunos, influenciando dessa forma a saída de muitos alunos para as escolas mais próximas (São Roque, Lajes e Horta)”, para a prossecução dos seus estudos. Desconhecendo-se, contudo, as razões daí decorrentes, se derivaram a entraves impostos pela tutela ou a eventuais faltas de requisitos organizacionais do Externato da Madalena.

Em contraponto, valoriza o esforço e abnegação empreendido pela D. Cecília, ao longo do tempo, “em dotar o Externato com as melhores condições de infraestrutura e valências, face ao crescimento da comunidade educativa assistida ao longo dos anos”, culminando nos últimos anos de funcionamento do Externato (1994-1996) com a oferta pedagógica na área de gestão, no qual foi aluno.

No que se refere aos perfis de docentes, não docentes e discentes, relembra a heterogeneidade existente entre os demais. Ao longo do seu percurso escolar, assistiu “a uma gradual evolução das qualificações profissionais e pedagógicas do grupo de docentes (a maioria com origem local), dotados de enorme conhecimento técnico-prático das matérias lecionadas, dotados de capacidade pedagógica, havendo outros que dominavam o ‘canudo’, mas sem vocação e arte para ensinar”.

No que se refere ao grupo de profissionais não docentes, reconhece “sentido de zelo na segurança e apoio aos alunos circundantes”, recordando a existência de uma estreita relação saudável mantida entre alunos e auxiliares, assistindo-se um ambiente empático, dado o grau de proximidade mantido entre todos os agentes educativos.

Pese embora, no Externato existissem desfasamento de horários, por ciclos de estudos, redundando em esforços acrescidos para os alunos, quando sujeitos ao horário da manhã, que implicava “apanhar o autocarro” ainda de madrugada para quem residia nas freguesias mais distantes (nos casos de São Caetano, São Mateus e Candelária). Para quem tivesse de se sujeitar ao horário da tarde, aguardava pelo regresso ao domicílio muitas

vezes de noite, tornando-os assim, mais 'rijos' e mais preparados para os presságios da vida.

No entendimento de Paulo Teixeira, a existência do Externato na Madalena promoveu significativos "impactos socioeducativos, uma vez que o nível de instrução da sociedade, durante muitos anos, limitava-se à 4.ª classe (ensino obrigatório à época), evoluindo até mais recentemente até ao 12.º ano".

Esta estrutura de ensino surge num contexto de incremento do processo educativo na Região, tornando o seu contributo de capital importância pela "dotação de infraestruturas e no acesso ao ensino, evitando-se que os alunos tivessem de se deslocar para outras ilhas para prosseguirem estudos". Assim como, pela "vertente económica, uma vez que, através do aumento da literacia, potenciou-se o conhecimento e a oferta profissionalizada, com consequência direta na fixação de pessoas no seu local de origem, numa época em que a emigração se constituía como oportunidade para a prosperidade", face às dificuldades então existentes.



Alunos em visitas de estudo (1995)

Não deixa, contudo, de evidenciar a consciência coletiva da limitação de meios ou equipamentos como suporte educativo, o que estimulou à reinvenção de formas alternativas para a melhor conclusão de trabalhos pedagógicos, por forma a cumprir com as exigências colocadas na altura. A propósito dos acervos pedagógicos estabelece um contexto comparativo geracional, referindo que “a atual geração não deve conhecer uma máquina de escrever, sendo esta ferramenta privilegiada à época para algumas famílias, servindo para a elaboração de trabalhos, sendo a apresentação de trabalhos realizada através de acetatos, com recurso a um projetor pesado que circulava entre as salas”. A geração estudantil atual, goza do “acesso a computadores, inovação essa que permitiu alargarmos a capacidade de resposta e horizontes na vertente da informática”.

Na senda das carências infraestruturais ou valências de apoio, identifica “a falta de um refeitório apropriado e consentâneo com a quantidade de alunos residentes nas freguesias mais distantes da Madalena”.

No que se refere à influência do seu percurso escolar, aquando da sua permanência no Externato da Madalena, na sua vida pessoal e profissional,



Cortejo de turmas participantes nos Jogos da Fronteira

evoca que “ao contrário de outros colegas açorianos, nunca teve na contingência de sair prematuramente da ilha do Pico para prosseguir estudos (até terminar o ensino secundário)”.

Esse facto, fez-lhe proporcionar a continuidade da coabitação familiar (durante 17 anos), “conferindo estabilidade emocional e financeira”. Por outro lado, teve a oportunidade de enveredar pela área técnica desejada (área C - Gestão), coincidindo com o alargamento de ofertas pedagógicas proporcionada pela instituição, “conferindo em grande medida, os alicerces na obtenção da sua licenciatura, ao mesmo tempo, que permitiu estabelecer sólidos laços de amizade, que ainda hoje perduram”.

Acrescenta ainda que, “para o bem e para o mal, naquela altura não existia o mundo paralelo dos telemóveis e, por isso, as distrações, em tempos não letivos, passavam pelo efetivo convívio no campo de jogos, nos corredores de acesso à sala de aula, nas diversas escadarias exteriores que uniam os pisos e por onde todos circulavam”. E prossegue, “era difícil não conhecer o próximo, até porque a dimensão do próprio Externato assim o permitia”. Ressalva ainda, “o sentimento de coesão social vivenciado, não



Cortejo de turmas participantes nos Jogos da Fronteira

fora transposto para a nova escola (Escola Secundária Cardeal Costa Nunes), embora a curta permanência nesse estabelecimento (um ano), perdurando sim, um sentimento de nostalgia em relação ao Externato, que se mantém viva até aos dias de hoje, contribuindo também para tal, a centralidade física do mesmo, na vila da Madalena”.

Por fim, evidencia com satisfação que após o fim do ciclo de vida do Externato, “o mesmo teve aproveitamento de infraestruturas para a implantação e funcionamento da atual Escola Profissional do Pico, mantendo-se assim, a nobre missão de formar pessoas”.

Carla Maria Pereira Pimentel Silva (1981-1989)

Carla Maria Pereira Pimentel Silva, residente em São Mateus, é hoje professora de Português e Inglês. Na qualidade antiga aluna do Externato da Madalena e quando questionada sobre a professora Cecília Amaral e o Externato Particular da Madalena, a entrevistada fez uma análise retrospectiva das características da professora Cecília Amaral.

Especificamente em relação ao tipo de liderança, Carla considerou a D. Cecília Amaral como “uma mulher com uma liderança visionária, destacando que ela possuía uma visão clara e de longo prazo. A sua capacidade de dirigir ia muito além da gestão administrativa, impôs desde o início a sua figura de “mulher líder”, numa sociedade rural ainda muito marcada pela quase masculinização em massa”.

Segundo ela, a D. Cecília “foi uma gestora devidamente preocupada em trazer a modernidade para dentro da ilha, o objetivo pedagógico seria acima de tudo dar a escolaridade à maioria da população do Concelho de uma geração em que os avós eram analfabetos e os pais maioritariamente liam e escreviam, mas sem concluírem a 4.ª classe”.

Fundamenta esta afirmação numa memória que tem desta sua querida professora que, certo dia, lhe sussurrou o seguinte: “Carla, a Matemática é para quem gosta de números. Não desanimes! És uma rapariga das palavras, das letras.” Contextualizando, Carla estava no 8.º ano de escolaridade e a D. Cecília ao entrar na sala de aula para dar aula de Francês, viu-a em lágrimas, inclinou-se (coisa rara, pois mantinha sempre um ar austero na sala de aula), sussurrou e continuou a aula: “Bonjour! Comment vas-tu?” E apontava o dedo. E os alunos, com os olhos vidrados pela ansiedade, lá balbuciavam a resposta, quando a memória não lhes falhava.

Quando questionada sobre como assistiu à evolução do Externato da Madalena, a entrevistada entende que “esta instituição deve ser valorizada não apenas pela sua contribuição para a literacia dos habitantes, mas também pelo impacto positivo que teve numa comunidade marcada pela vivência cotidiana das pessoas da lavoura, da pesca, da agricultura, das rendas de farpa, da costura, do comodismo doméstico, da serventia, mas que também tinha uma visão futurista de aproximar estes adolescentes e jovens ao resto do país”. Refere que “se hoje ainda estamos longe de muito, nas décadas de 60 a 90 estávamos numa quase redoma boreal – de fora muito brilhante, de dentro o desconhecido.



Jogos da Fronteira – Porto Velho da Madalena

Merecíamos muito mais. A D. Cecília Amaral abraçou esta privação e deu-nos a conhecer o que estava para além da luminosidade da redoma boreal”.

Quando inquirida sobre como definiria o perfil do pessoal docente, Carla Silva afirmou que, “no início da sua vida estudantil, os docentes provinham principalmente das instituições de maior prestígio na época – clero e saúde. Posteriormente, e depois desta instituição ganhar a devida

credibilidade, começaram a chegar docentes profissionalizados”. Considera que “com todos se aprendeu o que de importante servia o objetivo da instituição – alargar o conhecimento, trazer novos mundos e novas rotas de vida”.

O pessoal não docente “fazia com que o espaço fosse “casa” – os “furos” letivos eram passados ou nas salas de aula com jogos de lazer – cartas, jogo da Glória, dominó, damas, xadrez, ou no espaço de campo referenciado para a prática desportiva, sempre que este estava livre. Claro que havia repreensões aos que se atreviam a desafiar as regras estipuladas, mas quando se falava na “Torre”, tudo se compunha e voltava à normalidade”. Prossegue, definindo “a torre” como espaço e método disciplinar adotado. A “Torre” era um Cabo das Tormentas – o Adamastor avisava dos perigos de lá chegar e os que se atreviam viam as naus afundarem pelas tempestades. A “Torre” (entenda-se “torre” como a casa da D. Cecília, contígua ao edifício do externato) era um local místico – “acreditávamos que a nossa ida lá teria certamente interferências na nossa vida”.

Na tentativa de obtenção da escolarização, de alfabetização, “muitos eram também os alunos que se opunham ao método, que não viam qualquer objetivo nas aprendizagens, que desistiam e nem o 6.º ano concluíam, mesmo assim, já haviam experienciado algo que os seus pais não tinham tido oportunidade de experienciar”. Assim, o curto ou longo trajeto escolar permitia (para muitos) uma experiência de vida positiva, conforme refere.

Muitos foram também os que se entregaram a este modo de vida, de certa forma, experimental. Realça a este propósito, “que tinham muitas áreas do saber mais científico, mas também áreas do saber prático, doméstico e sem rodeios de não compartimentar trabalho para rapaz ou para rapariga – todos pegavam no martelo e torneavam a madeira e todos enfiavam a linha na agulha e aprendiam a pregar um botão”. Continua lembrando que “chegar a casa e poder relatar as grandes conquistas do dia, era o meio com maior potencialidade de expandir a informação - era uma metodologia ativa de difundir conhecimentos, numa época em que a televisão ou não existia por não ser prioridade nas casas ou só apresentava dois canais em horas definidas do dia (RTP e RTP Açores)”.

Quando questionada sobre como avaliava o sistema educativo instituído na época em comparação com o atual, Carla Silva destaca que,



“entre todas as transformações ocorridas na sociedade pós 25 de abril de 1974, o setor da educação foi um dos mais significativos. Claramente o alargamento da escolaridade obrigatória foi um marco para uma sociedade mais livresca, mas nem tão pouco mais ambiciosa ou assertiva”. Continua defendendo que “este alargamento trouxe perigos eminentes que a geração atual de adolescentes tem de contrariar”.

Carla Silva, está em crer que os atuais alunos e seus encarregados de educação não conseguiram fazer o aproveitamento adequado destas potencialidades trazidas pela Lei de Bases do Sistema Educativo. “A família era uma base fundamental para a ambição de futuro em que as vontades e tradições estavam extremamente enraizadas e os jovens desenvolviam desde tenra idade

Programa

5ª SEMANA CULTURAL/93-94

2ª FEIRA 20 de ABRIL

9h00 - Turnos A e B - visita à Escola de Arte e Ofícios de S. João com os professores Isabel Diniz e Conceição, Helena.

10h30 - Turnos C e D - visita à Escola de Arte e Ofícios de S. João com os professores Isabel Diniz e Conceição, Helena.

12h - Salão de Autocorreção

14h - Turnos A e B - visita à Escola de Arte e Ofícios de S. João com os professores Isabel Diniz e Conceição, Helena.

15h - Turnos C e D - visita à Escola de Arte e Ofícios de S. João com os professores Isabel Diniz e Conceição, Helena.

16h - Turnos A e B - visita à Escola de Arte e Ofícios de S. João com os professores Isabel Diniz e Conceição, Helena.

17h - Turnos C e D - visita à Escola de Arte e Ofícios de S. João com os professores Isabel Diniz e Conceição, Helena.

18h - Salão de Autocorreção

19h - Turnos A e B - visita à Escola de Arte e Ofícios de S. João com os professores Isabel Diniz e Conceição, Helena.

20h - Turnos C e D - visita à Escola de Arte e Ofícios de S. João com os professores Isabel Diniz e Conceição, Helena.

21h - Salão de Autocorreção

22h - Turnos A e B - visita à Escola de Arte e Ofícios de S. João com os professores Isabel Diniz e Conceição, Helena.

23h - Turnos C e D - visita à Escola de Arte e Ofícios de S. João com os professores Isabel Diniz e Conceição, Helena.

A ESCOLA E A FAMÍLIA

24 A B C D 10h e 11h aulas

25 A B C D 10h e 11h aulas

26 A B C D 10h e 11h aulas

27 A B C D 10h e 11h aulas

28 A B C D 10h e 11h aulas

29 A B C D 10h e 11h aulas

30 A B C D 10h e 11h aulas

31 A B C D 10h e 11h aulas

1º de Maio - Turnos A e B - visita à Escola de Arte e Ofícios de S. João com os professores Isabel Diniz e Conceição, Helena.

2º de Maio - Turnos C e D - visita à Escola de Arte e Ofícios de S. João com os professores Isabel Diniz e Conceição, Helena.

3º de Maio - Turnos A e B - visita à Escola de Arte e Ofícios de S. João com os professores Isabel Diniz e Conceição, Helena.

4º de Maio - Turnos C e D - visita à Escola de Arte e Ofícios de S. João com os professores Isabel Diniz e Conceição, Helena.

5º de Maio - Turnos A e B - visita à Escola de Arte e Ofícios de S. João com os professores Isabel Diniz e Conceição, Helena.

6º de Maio - Turnos C e D - visita à Escola de Arte e Ofícios de S. João com os professores Isabel Diniz e Conceição, Helena.

7º de Maio - Turnos A e B - visita à Escola de Arte e Ofícios de S. João com os professores Isabel Diniz e Conceição, Helena.

8º de Maio - Turnos C e D - visita à Escola de Arte e Ofícios de S. João com os professores Isabel Diniz e Conceição, Helena.

9º de Maio - Turnos A e B - visita à Escola de Arte e Ofícios de S. João com os professores Isabel Diniz e Conceição, Helena.

10º de Maio - Turnos C e D - visita à Escola de Arte e Ofícios de S. João com os professores Isabel Diniz e Conceição, Helena.

11º de Maio - Turnos A e B - visita à Escola de Arte e Ofícios de S. João com os professores Isabel Diniz e Conceição, Helena.

12º de Maio - Turnos C e D - visita à Escola de Arte e Ofícios de S. João com os professores Isabel Diniz e Conceição, Helena.

13º de Maio - Turnos A e B - visita à Escola de Arte e Ofícios de S. João com os professores Isabel Diniz e Conceição, Helena.

14º de Maio - Turnos C e D - visita à Escola de Arte e Ofícios de S. João com os professores Isabel Diniz e Conceição, Helena.

15º de Maio - Turnos A e B - visita à Escola de Arte e Ofícios de S. João com os professores Isabel Diniz e Conceição, Helena.

16º de Maio - Turnos C e D - visita à Escola de Arte e Ofícios de S. João com os professores Isabel Diniz e Conceição, Helena.

17º de Maio - Turnos A e B - visita à Escola de Arte e Ofícios de S. João com os professores Isabel Diniz e Conceição, Helena.

18º de Maio - Turnos C e D - visita à Escola de Arte e Ofícios de S. João com os professores Isabel Diniz e Conceição, Helena.

19º de Maio - Turnos A e B - visita à Escola de Arte e Ofícios de S. João com os professores Isabel Diniz e Conceição, Helena.

20º de Maio - Turnos C e D - visita à Escola de Arte e Ofícios de S. João com os professores Isabel Diniz e Conceição, Helena.

21º de Maio - Turnos A e B - visita à Escola de Arte e Ofícios de S. João com os professores Isabel Diniz e Conceição, Helena.

22º de Maio - Turnos C e D - visita à Escola de Arte e Ofícios de S. João com os professores Isabel Diniz e Conceição, Helena.

23º de Maio - Turnos A e B - visita à Escola de Arte e Ofícios de S. João com os professores Isabel Diniz e Conceição, Helena.

24º de Maio - Turnos C e D - visita à Escola de Arte e Ofícios de S. João com os professores Isabel Diniz e Conceição, Helena.

25º de Maio - Turnos A e B - visita à Escola de Arte e Ofícios de S. João com os professores Isabel Diniz e Conceição, Helena.

26º de Maio - Turnos C e D - visita à Escola de Arte e Ofícios de S. João com os professores Isabel Diniz e Conceição, Helena.

27º de Maio - Turnos A e B - visita à Escola de Arte e Ofícios de S. João com os professores Isabel Diniz e Conceição, Helena.

28º de Maio - Turnos C e D - visita à Escola de Arte e Ofícios de S. João com os professores Isabel Diniz e Conceição, Helena.

29º de Maio - Turnos A e B - visita à Escola de Arte e Ofícios de S. João com os professores Isabel Diniz e Conceição, Helena.

30º de Maio - Turnos C e D - visita à Escola de Arte e Ofícios de S. João com os professores Isabel Diniz e Conceição, Helena.

31º de Maio - Turnos A e B - visita à Escola de Arte e Ofícios de S. João com os professores Isabel Diniz e Conceição, Helena.

1º de Junho - Turnos C e D - visita à Escola de Arte e Ofícios de S. João com os professores Isabel Diniz e Conceição, Helena.

7ª SEMANA CULTURAL

A Escola dos rapazes termina as

17h - Partida de futebol

18h - Partida de futebol

19h - Partida de futebol

20h - Partida de futebol

21h - Partida de futebol

22h - Partida de futebol

23h - Partida de futebol

24h - Partida de futebol

25h - Partida de futebol

26h - Partida de futebol

27h - Partida de futebol

28h - Partida de futebol

29h - Partida de futebol

30h - Partida de futebol

31h - Partida de futebol

1º de Junho - Partida de futebol

2º de Junho - Partida de futebol

3º de Junho - Partida de futebol

4º de Junho - Partida de futebol

5º de Junho - Partida de futebol

6º de Junho - Partida de futebol

7º de Junho - Partida de futebol

8º de Junho - Partida de futebol

9º de Junho - Partida de futebol

10º de Junho - Partida de futebol

11º de Junho - Partida de futebol

12º de Junho - Partida de futebol

13º de Junho - Partida de futebol

14º de Junho - Partida de futebol

15º de Junho - Partida de futebol

16º de Junho - Partida de futebol

17º de Junho - Partida de futebol

18º de Junho - Partida de futebol

19º de Junho - Partida de futebol

20º de Junho - Partida de futebol

21º de Junho - Partida de futebol

22º de Junho - Partida de futebol

23º de Junho - Partida de futebol

24º de Junho - Partida de futebol

25º de Junho - Partida de futebol

26º de Junho - Partida de futebol

27º de Junho - Partida de futebol

28º de Junho - Partida de futebol

29º de Junho - Partida de futebol

30º de Junho - Partida de futebol

31º de Junho - Partida de futebol

1º de Julho - Partida de futebol

capacidades no domínio da responsabilidade e do saber-fazer, hoje a sociedade e, por conseguinte, a escola apresentam tantas possibilidades que os nossos jovens, numa grande percentagem, se encontram “desorientados”, sem rumo, sem assertividade”.

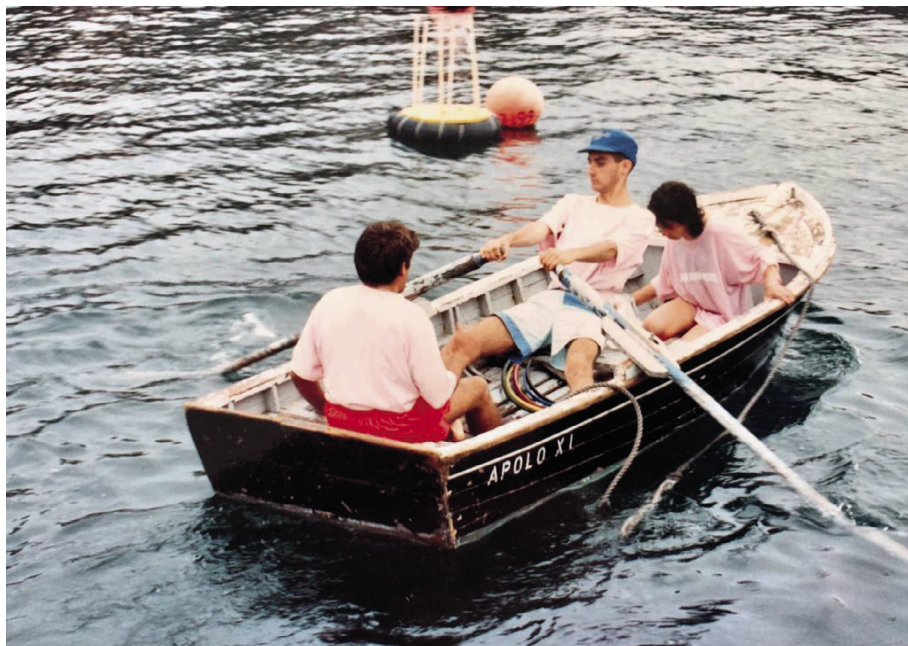
Concretiza, referindo que “urge uma lei bases do sistema educativo em que a educação tem que estar num domínio globalizante, tem que marcar terreno de mãos dadas com todas as outras valências da sociedade, não se ficando apenas pelas palavras escritas, mas avançar para um trabalho marcadamente colaborativo”.



Jogos da Fronteira – Porto Velho da Madalena

Quando questionada sobre os principais impactos socioeducativos evidenciados pela implementação e desenvolvimento do Externato da Madalena, a entrevistada afirmou que, em poucas palavras, esse impacto poderia ser resumido da seguinte forma: “o Externato da Madalena fez com que os picoenses de sua geração, uma geração de escolha nobre, se tornassem “gigantes capazes de contrariar muitos demónios”.

Afirma que aquele estabelecimento de ensino foi determinante no seu percurso de vida pessoal e profissional. Destacando que “aquela instituição



Jogos da Fronteira – Porto Velho da Madalena

foi um suporte fundamental na sua escolha de vida, primeiro, pelos horários letivos que proporcionava, possibilitava que pudesse trabalhar de tarde e amearhar o suficiente para tirar o 12.º ano na ilha vizinha, no Faial e em segundo lugar, orientou-a para uma realidade possível, não deturpando as suas ambições, e os seus objetivos”.

Ao sair da sua ilha levava “o saber-fazer, o saber-estar, o saber-adaptar-se, ou seja, os saberes que a sentaram ao lado de outros alunos ilhéus, vindos das grandes cidades do arquipélago, e não vergar e não desistir, mesmo sem computador, sem máquina de escrever, com manuais de empréstimo, com moedas contadas e bolseira, a viver numa residência com um quarto partilhado com 5 raparigas”. Aprendeu não só, mas também no Externato da Madalena que “qualquer picaroto quando bailha a chamarrita há uma força que se entranha”.

Carla Silva afirmou que todo o projeto foi inovador no concelho e manteve a sua credibilidade durante décadas. Ela comparou o Externato da Madalena ao “Sonho Americano” para os adultos locais, afirmando que, assim como o Sonho Americano representava uma inspiração para

os adultos, o Externato da Madalena desempenhou esse papel para os adolescentes e jovens. A entrevistada destacou que tanto uns como outros precisavam de uma única característica: “acreditar na sua força de ilhéus”.



Jogos da Fronteira – Porto Velho da Madalena

Refere ainda a dinamização económica gerada em torno da escola, através da aquisição de recursos materiais necessários ao seu normal funcionamento – para o bar, para as salas de aula, para os transportes de alunos e para a limpeza e manutenção dos espaços. “O Externato era uma fonte de movimentação a uma pequena escala, mas que já depreendia uma gestão cautelosa e ágil”.

Quanto ao ambiente vivenciado na instituição, refere que “o ambiente vivido era de grande proximidade entre todos e que se sentiam seguros quando entravam por aqueles portões. Foram anos que deixaram saudade. E quando de saudade se fala, tudo está dito.”

Carla Silva gosta muito de lembrar o senhor padre Correia, seu professor de História, que quando os chamava ao quadro, e lhes questionava sobre os conteúdos lecionados na aula anterior, quando não respondiam corretamente dizia: “Dou-te uma palmada que faz um sismo de grau sete”.

Regista positivamente ainda o facto de a D. Cecília, em 1989, valorizar o mérito académico. De tal forma que proporcionou a ela e a outra colega de turma de 11.º ano, uma viagem a São Miguel, por serem as melhores alunas daquele ano, destaca que “era uma senhora com uma visão globalizante do ensino!”

Ao terminar evidencia o relacionamento do Externato da Madalena, com a sua comunidade educativa destacando, em primeiro lugar, “a presença dos encarregados de educação na escola, estes confiavam plenamente no trabalho desenvolvido pela instituição e maioritariamente visitavam a mesma quando convocados para tal. Sem o telemóvel para um contato imediato com a casa de cada um dos alunos, era a escola que resolvia os problemas pontuais com que se deparavam. Por fim, enaltece o aspeto dos cuidados de saúde prestados nesta escola, “sendo esta uma aliada – onde os alunos tomavam as suas vacinas, por exemplo, na escola”.

5.6. Depoimento da ex-Chefe de Divisão da Direção Regional da Educação (DRE)

Ana Cristina Silva

A autonomia, a administração e a gestão dos estabelecimentos de ensino na Região Autónoma dos Açores, encontravam-se subordinadas aos princípios e objetivos consagrados pelos quadros normativos educativos vigentes, onde se incluía o Externato da Madalena, que mantinha correspondência direta e permanente com o organismo tutelar competente - Direção Regional da Educação (DRE) – mediado pelos seus principais responsáveis.

Neste enquadramento, torna-se oportuno partilhar o depoimento de uma das suas responsáveis, Dra. Ana Cristina Silva, ex-Chefe de Divisão da DRE, com quase 30 anos de serviço e experiência na mesma categoria, no qual refere ter privado com a D. Cecília, inúmeras vezes, e ter conhecimento de causa, no modo e forma de atuação da sua responsável (D. Cecília), em prol da educação na ilha do Pico. Esta estreita correlação era motivada por razões de natureza normativa, processual e instrutória em procedimentos curriculares dos docentes ou discentes, concretizados sob diversas formas, no qual aqui se replica.

“A sua preocupação, o seu cuidado pessoal, a pertinência das suas questões, para que os alunos e os encarregados de educação fossem

devidamente informados”, foram um marco no percurso profissional de Ana Cristina Silva, enquanto técnica superior e chefe de divisão do ensino secundário e Coordenadora da Delegação Regional dos Açores do Júri Nacional de Exames.

Segundo Ana Cristina Silva, era a D. Cecília que no extinto Externato da Madalena, assegurava todas as tarefas inerentes aos exames nacionais dos extintos Curso Geral e Curso Complementar dos Liceus. Afirma que “Ainda hoje penso que, apenas não realizava os exames pelos alunos porque não podia mesmo!”.

“Os inúmeros contatos telefónicos quer pela via institucional, quer usando os nossos contatos pessoais, os diversos mails trocados (anos 90) para troca de informações diretas permitiam-nos agilizar procedimentos e resolver as situações menos simples com que nos confrontámos ao longo de cerca de 30 anos de desempenho profissional. Claro que a afabilidade da D. Cecília nos tornou mais próximas e com o tempo, prescindíssemos do formalismo de um contato institucional. Só nos conhecemos,



Alunos em visita de estudo – Matos Souto - Piedade (1995)

pessoalmente, quase antes da sua reforma e foi como se nos tivéssemos cruzado frequentemente, como se vivéssemos na mesma ilha ou localidade”, acrescentou, ainda, Ana Cristina Silva.

Afirmou ser a D. Cecília que, no Externato da Madalena, que tratava de tudo. No início da instalação da Escola Básica e Secundária Cardeal Costa Nunes, inúmeras vezes o Presidente do Conselho Executivo dizia aos seus colaboradores: “falem com a D. Cecília, ela é que sabe disso. Isso é com ela!”.

“Tudo escalpelizado, tudo confirmado, tudo questionado no vislumbre da mais ínfima dúvida”. Ana Cristina Silva, diz ter sido a D. Cecília um farol para si, “Se D. Cecília não perguntava, então é porque os nossos esclarecimentos e orientações eram claros”.

Termina o seu depoimento dizendo “Obrigada, Dona Cecília! É uma das boas recordações que tenho no meu percurso profissional na Direção Regional da Educação. Faz-nos falta, faz falta aos alunos da escola, faz falta a todos na organização escolar, mas merece gozar a sua aposentação na sua adega, na sua casa, na sua ilha ou em qualquer outro local junto de quem mais gosta”.

Bibliografia

35 Anos Escola Básica e Secundária de São Roque do Pico. 2013. Departamento de Ciências Sociais e Humanas. Escola Básica e Secundária de São Roque do Pico.

Ávila, E. 1993. *Figuras & Factos, Notas Históricas*. Câmara Municipal das Lajes do Pico: Serafim Silva.

Ávila, E. 1995. *Crónicas da Minha Ilha*. Jornal de Cultura.

Brum, M. A. (Coord). 2017. *Vidas: mulheres açorianas* (1.ª ed.). Ponta Delgada: Letras Lavadas.

Lobão, C. 2004. *Liceu da Horta – Memória Institucional*. Horta: Gráfica Maiadouro.

Relatórios do Governador Civil da Horta. Biblioteca Pública e Arquivo Regional João José da Graça:

<https://arquivos.azores.gov.pt/details?id=1372348>

Jornal “O Dever”. Lajes do Pico.



Última fase de ampliação (1988)



Atual Escola Profissional do Pico (2025)

“Oxalá esta obra sirva como testemunho
do impacto duradouro do Externato da Madalena,
honrando todos aqueles que nele investiram
o seu tempo e conhecimento e,
inspirando futuras gerações a valorizar
e a fortalecer o ensino como um bem inestimável
para a nossa sociedade”

Comendador Manuel Goulart Serpa

